



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS

Fernando Jahn Bessa

Qualquer coisa serve: um panorama sobre as metodologias e crenças que guiam os profissionais que domam e treinam cavalos no Sul do Brasil

Florianópolis
2022

Fernando Jahn Bessa

Qualquer coisa serve: um panorama sobre as metodologias e crenças que guiam os profissionais que domam e treinam cavalos no Sul do Brasil

Dissertação submetida ao Programa de Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Agroecossistemas.

Orientadora: Profa. Denise Pereira Leme, Dra.

Coorientadora: Profa. Maria José Hötzel, Dra.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bessa, Fernando Jahn

Qualquer coisa serve: : um panorama sobre as metodologias e crenças que guiam os profissionais que domam e treinam cavalos no Sul do Brasil / Fernando Jahn Bessa ; orientador, Denise Pereira Leme, coorientador, Maria José Hötzel, 2022.

101 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Agroecossistemas. 2. Cavalos. 3. Tradição. 4. Treinamento. 5. Bem-estar. I. Leme, Denise Pereira. II. Hötzel, Maria José. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. IV. Título.

Fernando Jahn Bessa

Qualquer coisa serve: um panorama sobre as metodologias e crenças que guiam os profissionais que domam e treinam cavalos no Sul do Brasil

Essa dissertação de mestrado foi avaliada e aprovada por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Denise Pereira Leme, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Maria Cristina Yunes, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Alessandra Knoll, Dra.
SENAI Centro de Educação Digital

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Agroecossistemas.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Denise Pereira Leme, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2022.

Dedico esta dissertação às mulheres da minha vida, minha mãe Soni, minha esposa Luíse, minha filha Heloísa e também ao meu pai Luis Irapuan, por ter me permitido o contato com os cavalos na mais tenra idade. Sem vocês nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha professora, Dra. Denise Pereira Leme, por ter me recebido tão bem no ano de 2018, iniciando uma parceria muito produtiva, que resultou em mudanças muito importantes para o bem-estar dos cavalos da Polícia Militar de Santa Catarina e, especialmente, para mim, que adquiri um novo olhar e pude perceber o que antes não via. Agradeço toda a sua paciência, o seu carinho, os conselhos, o empenho e a oportunidade que me foi dada. Agradeço também à minha co-orientadora, professora Dra. Maria José Hötzel, verdadeira expoente reconhecida pelo seu trabalho de nível internacional na área do bem-estar animal, obrigado pelas sugestões, pelo apoio e pela chance de aprender. Também quero agradecer à professora Dra. Alessandra Knoll, pelo apoio na fase final desta dissertação e por ter aceitado fazer parte da banca examinadora.

Agradeço aos colegas do NEBEQ-UFSC, João Pizza Noveletto, Roger Oliveira Clark, André Riguetto, destacado grupo de estudantes, que com suas pesquisas, de forma muito sincera, advogam na causa do bem-estar. Vocês me incentivaram e contribuíram com este trabalho.

Agradeço ao amigo e grande entusiasta da promoção de boas práticas para o bem-estar dos equinos, Syllas Jadach Oliveira Lima, que gentilmente cedeu fotografias que ajudaram a ilustrar este trabalho.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade e condições ofertadas para a execução deste trabalho, realizado durante um momento histórico muito delicado que foi a pandemia de coronavírus (COVID-19). Lamento muito ter realizado a pós-graduação, quase que de forma integral, em ambiente virtual.

Agradeço à Alexandra Elbakyan, por remover as barreiras no caminho da ciência.

Agradeço a todos os cavalos, em especial a Vesúvio, meu paciente professor, que já não se encontra mais entre nós e Impacto, nobre amigo, verdadeiro cavalo militar. Que relações de respeito possam surgir entre nossas espécies.

Por fim, agradeço a Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, por tantas bênçãos e infinitas graças.

“O melhor preceito – a regra de ouro – tratando com um cavalo, é nunca se aproximar dele com raiva”.

XENOFONTE

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ânfora de azeite panatenaica com representação de competidor em quadriga.....	18
Figura 2 - Representação de cavaleiros no friso oeste do Parthenon de Atenas	21
Figura 3 - <i>Psalion</i> séculos I a II d.C.	25
Figura 4 – Bridão grego séculos IV a III a.C	25
Figura 5 - Espora pontiaguda grega séculos IV a I a.C.	27
Figura 6 - Policial em treinamento sem o uso de estribos	28
Figura 7 – Cavaleiros gregos retratados em ânfora panatenaica galopando em posição criticada por Xenofonte	30
Figura 8 – Policial militar em treinamento na Guarda Nacional Republicana em Portugal, sem o uso de estribos	30
Figura 9 - Cavalo é habituado a uma bola colorida	32
Figura 10 – Ilustração contida no livro de Antoine de Pluvinel	41
Figura 11 - Cavalo em treinamento em redondel	46
Figura 12- Tratador escova a mãe na presença do potro	61
Figura 13 - Treinamento de cavalos da Polícia Militar de Santa Catarina para o emprego ações de controle em distúrbios civis	62
Figura 14 - Amazona cede as rédeas em resposta ao comportamento desejado apresentado..	64
Figura 15 - Potra que passou por treinamento de dessensibilização salta obstáculos seguindo treinador na Polícia Militar de Santa Catarina	65
Figura 16 - treinador atua com técnica de pressão e alívio – reforço negativo	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tabulação dos dados das técnicas descritas por Xenofonte em contraste com ciência atual.....	57
Quadro 2 – tabulação dos dados das técnicas descritas por Xenofonte em contraste com ciência atual	58
Quadro 3 - Perguntas realizadas aos entrevistados	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Indicadores demográficos.....	77
Tabela 2 – Como se autodeclararam os profissionais	81
Tabela 3 – Principal meio relatado de atualização das técnicas	82

SUMÁRIO

RESUMO	13
ABSTRACT	14
1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 CAVALO E SOCIEDADE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA GREGA	17
2.1.1 O cavalo grego	19
2.1.2 Manejo	22
2.1.3 Equipamentos	24
2.2 TREINAMENTO NA OBRA DE XENOFONTE E A CIÊNCIA ATUAL	29
2.3 DEFINIÇÕES E TÉCNICAS SOBRE TEORIA DA APRENDIZAGEM PARA O TREINAMENTO DE CAVALOS	34
2.3.1 Aprendizagem não associativa	36
2.3.1.1 Habituação	36
2.3.2 Sensibilização	37
2.3.3 Aprendizagem associativa	37
2.3.3.1 Condicionamento clássico	37
2.3.3.2 Condicionamento operante	38
2.3.3.2.1 Reforço positivo	38
2.3.3.2.2 Reforço negativo	38
2.3.3.2.3 Punição	39
2.4 MÉTODOS DE INICIAÇÃO	39
2.4.1 Adestramento clássico	39
2.4.2 Natural Horsemanship	44
2.4.3 Doma tradicional	47
2.5 CIÊNCIA DA EQUITAÇÃO	50
3 OBJETIVOS	52
3.1 OBJETIVO GERAL	52
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	52

CAPÍTULO I - ANÁLISE COMPARATIVA DE MÉTODOS DESCRITOS POR XENOFONTE COM MÉTODOS CONTEMPORÂNEOS DE TREINAMENTO, COM BASE NA LITERATURA CIENTÍFICA	53
RESUMO	54
ABSTRACT	55
1 INTRODUÇÃO	56
2 METODOLOGIA	57
2.1 TÉCNICAS DESCRITAS POR XENOFONTE X REFERÊNCIAS CIENTÍFICAS ATUAIS	57
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
3.1 TABULAÇÃO DOS DADOS ENTRE AS TÉCNICAS DESCRITAS POR XENOFONTE E REFERÊNCIAS PARA ESTAS TÉCNICAS NA CIÊNCIA ATUAL	58
3.2 ANÁLISE DE SETE TÉCNICAS DE TREINAMENTO DESCRITAS POR XENOFONTE EM CONTRASTE COM A CIÊNCIA MODERNA	59
4 CONCLUSÃO	69
CAPÍTULO II - O IMPACTO DA TRADIÇÃO NA BASE DE CONHECIMENTO QUE GUIA A ESCOLHA DO MÉTODO DOS PROFISSIONAIS DO CAVALO	70
RESUMO	71
ABSTRACT	72
1 INTRODUÇÃO	73
2 METODOLOGIA	74
2.1 ANÁLISE DE DADOS DE TREINADORES DE EQUINOS NO SUL DO BRASIL ...	74
2.1.1 Escolha dos participantes	74
2.1.2 Entrevistas	75
2.1.3 Análise dos dados	76
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
3.1 ENTREVISTAS COM TREINADORES DE CAVALOS DO SUL DO BRASIL	76
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
5 CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS	92

RESUMO

Este estudo é dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, foi realizada a seleção de sete passagens do manual de cavalaria escrito por Xenofonte, intitulado *Peri Hippikes*, no qual o autor grego já revelava uma percepção aprofundada e pouco conhecida ao descrever a necessidade de boas relações entre humanos e cavalos, para a eficácia no treinamento. Estas passagens selecionadas foram comparadas aos métodos de treinamento contemporâneos, que estão de acordo com a literatura científica. Concluiu-se que, as sete técnicas selecionadas para este estudo e as orientações de Xenofonte encontraram amparo na ciência atual, e que a aplicação destes ensinamentos traria benefícios para o bem-estar dos animais no treinamento. A partir deste estudo, surge outra pergunta de pesquisa para novos estudos que possam esclarecer por que as técnicas de Xenofonte que orientavam pelas boas relações humano-animal não foram populares desde então. No segundo capítulo foi realizada uma pesquisa, baseada em entrevistas com domadores e treinadores de cavalos no Sul do Brasil, para se avaliar o impacto da tradição, na base de conhecimento que guia a escolha de métodos, para o treinamento de cavalos. Além disso, buscou-se realizar um panorama dos profissionais, baseado em suas chaves de crenças. A maioria dos profissionais demonstrou desconhecimento da teoria da aprendizagem de equinos, e concluiu-se que, existe neste meio profissional um predomínio do conhecimento tradicional, sem apoio da ciência. Considerando os resultados dos dois capítulos, pode-se perceber um paradoxo, onde a tradição foi seletiva para escolha de técnicas de treinamento de cavalos, onde os cavalos não foram considerados como espécie ou indivíduos que possam compor uma boa relação ou de pareceria com o ser humano, e sim de subserviência, uma vez que a seleção da tradição pode ter sido seletiva em detrimento do bem-estar dos cavalos.

Palavras-chave: Cavalos. Bem-estar. Treinamento. Tradição

ABSTRACT

This study is divided into two chapters. In the first chapter, the selection of seven passages from the manual of chivalry written by Xenophon, entitled *Peri Hippikes*, in which the Greek author already revealed a deep and little-known perception when describing the need for good relations between humans and horses, for the training effectiveness. These selected passages were compared to contemporary training methods, which are in line with the scientific literature. It was concluded that the seven techniques selected for this study and Xenophon's guidelines found support in current science, and that the application of these teachings would bring benefits to the welfare of animals in training. From this study, another research question arises for further studies that might shed light on why Xenophon's techniques that guided good human-animal relationships have not been popular since. In the second chapter, a research was carried out, based on interviews with horse tamers and trainers in southern Brazil, to assess the impact of tradition on the knowledge base that guides the choice of methods for training horses. In addition, an overview of the professionals was sought, based on their key beliefs. Most professionals showed a lack of knowledge of the equine learning theory, and it is concluded that, in this professional environment, there is a predominance of traditional knowledge, without scientific support. Considering the results of the two chapters, a paradox can be seen, where the tradition was selective for the choice of horse training techniques, where the horses were not considered as a species or individuals that can compose a good relationship or partnership with the human being, but of subservience, since the selection of tradition may have been selective to the detriment of the horses' well-being.

Keywords: Horses. Welfare. Training. Tradition

1 INTRODUÇÃO

O cavalo desperta fascínio nos seres humanos há milênios por seus atributos mais perceptíveis de força, resistência e agilidade. A domesticação do *Equus caballus*, iniciada há seis mil anos, legou à humanidade incontáveis avanços (WILLEKES, 2013), e gerou uma inter-relação que promoveu verdadeira revolução no meio de vida das sociedades antigas. Com o desenvolvimento da equitação o tempo foi relativizado, as distâncias encurtadas e as barreiras do tempo modificadas (RINK, 2008). Inclusive, as antigas civilizações agrícolas produziram animais com maior propensão a serem treinados para as distintas funções e atividades, utilizando-se do melhoramento genético dos cavalos (GAEBEL, 2002).

O estudo sobre as relações desenvolvidas com os cavalos na antiga Grécia ocorre, devido ao fato, de que esta sociedade é tipicamente uma sociedade agrícola, que influenciou o estilo de vida ocidental e, portanto, as relações que são praticadas com os cavalos. Entre 430-355 a.C. na Grécia, Xenofonte escreveu uma das obras de maior destaque sobre cavalos, *Peri Hippekis*. Algumas técnicas descritas nesta obra não foram modificadas até os dias atuais. Xenofonte foi um general ateniense que participou de grandes acontecimentos de sua época: lutou na Guerra do Peloponeso, e também esteve na Pérsia, onde foi mercenário de Ciro contra o seu irmão Antaxerxes II (AZOULAY, 2004), onde, possivelmente foi influenciado pelas práticas dos persas sobre a equitação. Sua contribuição para a equitação é enaltecida e sua obra é apontada como referência no meio equestre.

As relações que são praticadas com os cavalos atualmente são muito influenciadas por saberes ancestrais e as técnicas e equipamentos empregados no treinamento não tiveram considerável avanço evolutivo (WARAN *et al.*, 2002). Apenas recentemente, as práticas dos profissionais da equitação passaram a ser questionadas, quanto aos métodos coercitivos existentes (BIRKE 2008). Tem-se buscado uma abordagem mais gentil, a partir de métodos naturais, que levam em consideração o conhecimento etológico dos cavalos, para gerar uma relação de maior proximidade e confiança com os animais (BIRKE, 2007). Além disso, o conhecimento científico existente, sobre a teoria da aprendizagem de equinos, é capaz de aumentar a eficácia do treinamento e simplificar e desmistificar os métodos existentes (MCGREEVY, 2007). Há, contudo, resistência e desconfiança por parte dos profissionais, a

este conhecimento, já comparado e avaliado pela ciência (MCLEAN, 2013). Entender qual o impacto da tradição, nas crenças que levam a escolha dos métodos, por parte dos profissionais que domam e treinam cavalos é o escopo principal desta dissertação, pois o conhecimento sobre as crenças destes profissionais é o ponto de partida fundamental, para o estabelecimento de estratégias, que conduzam a uma mudança, com foco para a observância de metodologias e conhecimentos que levem a melhores relações entre humanos e equinos, com ênfase para o bem-estar animal.

Esta dissertação está dividida em dois capítulos. No capítulo I, buscou-se trabalhar a hipótese de que Xenofonte pode ter tido um olhar diferenciado, bastante à frente de seu tempo, e que talvez ainda hoje, algumas de suas premissas com foco para o treinamento de cavalos ainda não sejam observadas pelos profissionais do meio. Xenofonte estabelece um princípio a ser observado no treinamento: *“deverá guiá-lo com prudência e retidão, quase como um pai que tenha que ensinar a seu próprio filho alguma arte ou trabalho”*. O interesse é, portanto, nas premissas que fazem menção à necessidade de boas relações com os cavalos, para o sucesso no treinamento. Xenofonte de fato acreditava nisso, visto que sua obra se trata de um manual prático para a cavalaria ateniense. Estariam, contudo, corretas suas afirmações? Baseado na literatura científica foi realizada a comparação e o escrutínio de sete menções relacionadas ao treinamento de cavalos, que possuem enfoque em boas relações humano-cavalo, na obra de Xenofonte.

No capítulo II, buscou-se conhecer o quão profundo é o impacto da tradição na profissão de domadores e treinadores de cavalos. A literatura científica informa que a tradição e a ancestralidade possuem grande impacto entre estes profissionais (COOPER, 1998; WARAN *et al.*, 2002; GOOWIN *et al.*, 2009; LIMA, 2015; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017; RANDLE *et al.*, 2017). Apesar disso, pouco se sabe sobre as chaves de crenças destes profissionais e qual o verdadeiro impacto da tradição na escolha dos métodos utilizados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CAVALO E SOCIEDADE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA GREGA

O cavalo foi introduzido na Grécia por volta de 2000 a.C. Na religião, Atena e Poseidon eram divindades protetoras dos cavalos e das atividades equestres. Havia inclusive altares para o culto a Poseidon *Hippios* e Atena *Hippia*. A Atena era creditada a invenção do bridão e o uso de carruagens (CAMP, 1998). Por volta de 1800 a.C. a presença de cavalos parece ser mais frequente em localidades da Grécia habitadas pelo povo aqueu. Entre os micênicos há representações de cavalos nas tumbas da dinastia que os governou por volta de 1.650 a 1.550 a.C. (ANDERSON, 1961). Em escavações realizadas em Maratona, região da Ática, foram encontrados em uma tumba muito ornamentada de 1.400 a.C., dois cavalos enterrados cuidadosamente. Em outra escavação de uma tumba na Ágora Ateniense do século IX a.C, foi encontrado um bridão próximo de uma ânfora onde estavam as cinzas de uma pessoa. A tumba pertencia a alguém importante, visto que havia uma espada de ferro, numa época em que esta liga metálica ainda era muito rara (CAMP, 1998).

Na arte grega confeccionada em objetos de cerâmica, as primeiras representações de cavalos que se têm registro datam do século IX a.C. Isso é algo notável visto que, anteriormente, retratavam-se apenas figuras geométricas. Os cavalos começam a ser retratados no mesmo período em que se passou a retratar figuras humanas e de aves. A partir do século VII a.C. as representações se tornam mais realísticas e nos séculos VI e V a.C. se tornam muito comuns. Nos edifícios públicos atenienses os cavalos também passaram a fazer parte da decoração, como nos frisos do Partenon. Também no templo de Hefesto em Atenas há frisos com batalhas de centauros (CAMP, 1998).

Nos esportes, as provas hípicas também tinham grande destaque. Nos jogos de Olímpia as provas equestres foram inseridas em 680 a.C. e já em 400 a.C havia provas de corrida, com e sem carruagem (CAMP, 1998). Grande parte dos jóqueis, assim como os cavaleiros, eram escravos de elite, e os cavalos aos seus cuidados eram os itens mais caros dos jogos. As provas com carruagens eram realizadas com dois e quatro cavalos. Os proprietários eram provenientes da aristocracia e da realeza (STUTTARD, 2012, cap.3).

Os atenienses participavam destas provas e também competiam em festivais em honra a deusa Atena, nos jogos pantatênicos, onde apenas os atenienses podiam participar. Nestes jogos havia ainda mais provas envolvendo o cavalo. Ao contrário dos jogos olímpicos onde a premiação se resumia a coroa de louros, nos jogos pantatênicos havia prêmios valiosos como bois e grandes quantidades de azeite (STUTTARD, 2012, cap.3). Na Figura 1 é possível ver um vaso que representa um competidor em carruagem, o vaso possui capacidade para 40 litros de azeite. Os atenienses competiam em corridas, lançamento de dardos montado, simulações de batalha a cavalo e corrida com tocha montado (CAMP, 1998).

Figura 1 – Ânfora de azeite panatenaica com representação de competidor em quadriga



Fonte: Página de Emily Hauser

Na antiga Grécia ter um cavalo estava muito além das possibilidades da maioria das pessoas. O grande filósofo Aristóteles (2006, p. 125), coloca a criação de cavalos como uma das atividades mais caras que havia em sua sociedade: “entre os próprios nobres também há diferença pela riqueza e extensão do patrimônio, que permite a alguns deles, entre outras coisas, criar cavalos, o que não é fácil para os de fortuna medíocre”.

A sociedade Ateniense, por exemplo, estava organizada em três classes, dentre as quais se destacava a dos proprietários de cavalos (*hippeis*). Depois das reformas de Sólon (592-591 a.C), os proprietários de cavalos passaram ao segundo lugar de um total de cinco

classes que eram organizadas de acordo com sua riqueza (WHITE, 2011). Conforme Aristóteles (2006, p.201): “Ora, só a classe opulenta pode ter haras”.

O solo pobre tornava o trabalho dos camponeses árduo, e uma colheita modesta era trabalhosa. Isso impedia o cultivo de forragem para a alimentação de um cavalo. Além disso, mesmo em Atenas, havia um sistema de classes rígido, no qual, para se ter um cavalo, o homem deveria pertencer à aristocracia. Entre os espartanos a cavalaria possuía uma relevância ainda menor (HANSON, 2012). Cavalos eram objetos de luxo, não eram utilizados para o trabalho do dia a dia, apenas para esporte, solenidades e guerras (ISAGER & SKYDSGAARD, 2001). O clima e o relevo eram fatores preponderantes para a dificuldade em se criar e manter cavalos. Na Grécia apenas na região da Tessália era possível criar cavalos devido à existência de planícies com gramíneas (WILLEKES, 2013).

Sobre os cavaleiros gregos, Hanson (2012, p. 307) afirma: “imagine-se um jovem aristocrata com peitoral, elmo e botas altas de couro – jovem, orgulhoso e privilegiado, como os cavaleiros que aparecem esculpidos por toda a eternidade nas frisas do Partenon de Péricles”. A relação de restrição ao uso do cavalo aos membros da aristocracia, aliada à dificuldade de manutenção dos animais devido à pobreza do solo grego, escassez de pastagens e relevo composto por pequenos vales e colinas rochosas, fez com que não se disseminasse na Grécia o uso do cavalo como arma de guerra. . Em realidade poucas cidades possuíam condições de manter grandes efetivos de cavalaria e utilizá-los em campo de batalha. Essa foi uma regra em muitas cidades gregas, porém havia exceções. Os tessálios, beócios e gregos da Magna Grécia eram praticamente os únicos em condições (BUGH, 2019). No caso da Tessália o relevo, com a existência de planícies, vales e rios e o clima propício possibilitavam uma agricultura eficiente, tornando a região um importante celeiro. O excedente de grãos tornava viável a criação de cavalos, o que não era possível em outras regiões gregas. Os tessálios constituíram a elite da cavalaria grega e o cavalo adquiriu importância de primeira ordem em seu exército (STROOTMAN, 2012).

2.1.1 O cavalo grego

Sobre as atuais raças gregas, embora algumas sejam originárias de antigas regiões reconhecidas pela criação é impossível afirmar que guardem semelhanças com as antigas

raças. Sabe-se que a região onde está situada a antiga Grécia sofreu inúmeras invasões e ocupações. Em todos estes anos ocorreram cruzamentos entre animais gregos e animais trazidos pelos conquistadores, o que certamente alterou muito a genética dos cavalos daquele local. A mais recente das ocupações ocorreu pelos turcos otomanos, em 1453, com a queda do Império Bizantino e durou até 1829, com a Independência Grega. Fato semelhante também ocorreu com os cavalos de origem romana. As atuais raças italianas como Maremmano, Persano e Napolitano sofreram grande influência por cruzamentos com cavalos árabes e espanhóis, principalmente, a partir de 1.600 (WHITE, 2011). As atuais raças - Tessália, Skyros, Adravidá, Pinia, Messaras, Pindos - apresentam padrões de DNA muito parecidos, indicando que houve grande cruzamento entre elas (APOSTODILIS *et al.*, 2001).

É muito difícil traçar as origens dos cavalos gregos e determinar com exatidão as características dos cavalos utilizados. A arte grega preservada em esculturas, na arquitetura e trabalhos de cerâmica dá conta de uma importante característica: morfologia. Ao que parece, os cavalos gregos eram baixos, com cabeça pequena e aspecto delgado.

No que concerne às características que os gregos buscavam em seus cavalos, no capítulo sobre a escolha de um potro, Xenofonte menciona: “bem calçado, forte, musculoso, fino de forma e de grande estatura”. Especial atenção é dada aos cascos dos cavalos. Ele afirma que é importante que o casco seja grosso, que a rasilha não toque o solo, e que a muralha seja alta. Ainda sobre os cascos, no capítulo relativo aos cuidados com os cavalos, menciona que se deve evitar a umidade na baía.

Xenofonte descreve detalhes que devem ser buscados na morfologia de um potro e nos dá uma noção exata do padrão de cavalo que os gregos almejavam. Ele inicia falando sobre os cascos e parte para os ossos da canela, afirmando que precisam ser grossos, como colunas sobre os quais o corpo se baseia. Sobre o joelho alega que a preferência é pelos que possuem um joelho flexível, fato que reduzirá as chances de queda por fadiga ou tropeço. Os braços devem ser grossos e ter um aspecto forte e bonito, como no caso de um ser humano. Um peito mais amplo é melhor para força e beleza. O pescoço não pode se fixar embaixo e cair diante do peito, como num javali, e sim como num galo. A cabeça deve ser fina, orelhas e mandíbulas pequenas. Quanto aos olhos, prefere os olhos proeminentes, sinal de alerta, para ter uma visão mais ampla; os orifícios do nariz precisam ser largos e dilatados para melhor respiração e para demonstrar um aspecto mais feroz. As orelhas devem ser pequenas; a

cernelha alta para um assento seguro. O dorso necessita ser musculoso, para proporcionar um assento cômodo, além de ser mais bonito. Os flancos bastante profundos e um pouco arredondados em direção ao ventre permitem assento confortável e é sinônimo de animal forte. Lombo curto, coluna curta, com quartos amplos e musculosos. Esse padrão morfológico almejado pelos gregos para os cavalos pode ser observado nas representações no Partenon de Atenas (Figura 2).

Figura 2 – Representação de cavaleiros no friso oeste do Partenon de Atenas



Fonte: Página do Museu Britânico

A arte grega retrata os cavaleiros geralmente montados sobre garanhões. Pode ser que seja meramente representativo, pois não se sabe precisar sobre a realidade da representação artística (GAEBEL, 2012). Em todos os casos, Xenofonte recomendava a castração, visto que a prática trazia benefícios relacionados ao temperamento do cavalo. Xenofonte dá outra sugestão quanto ao temperamento do cavalo utilizado para a guerra: cavalos nervosos não deveriam ser adquiridos, pois até o ato de montar seria difícil em meio ao clima e aos ruídos que existem numa batalha. O povo nômade cita, por exemplo, que utilizava éguas como montarias em sua cavalaria. É possível que a predileção por garanhões tivesse outro significado; o alto investimento na compra de um cavalo poderia ser perdido com uma castração mal sucedida que levasse à morte do animal, por infecções (GAEBEL, 2012). Gaebel (2012) afirma que outra condição que poderia dar maior “montabilidade” aos

garanhões seria a escassez de alimentos de qualidade e sua oferta inferior às necessidades nutricionais dos animais.

Mais sobre as características dos cavalos gregos pode ser encontrado em registros anuais dos cavalos da cavalaria ateniense descobertos em escavações. Nestes registros oriundos dos séculos IV e III a.C, há menção às pelagens, origem dos cavalos e valor. As pelagens mais comuns eram o alazão, o castanho (de longe a mais frequente), castanho avermelhado, branco, tordilho e tobiano (sem referência às cores das manchas ou seu tamanho). Os cavalos eram marcados, e apresentavam 25 marcas distintas, de acordo com sua origem. Sabe-se que a cabeça de boi (bucéfalo) estava associada aos cavalos criados na Tessália; a marca de centauro com a cidade de Larissa; o machado com Pherae (antiga cidade grega situada no sudeste da Tessália); o caduceu (emblema de Hermes) com a Macedônia; a letra grega koppa (ρ) com Corinto; e o sigma (Σ) com Sícion (antiga cidade grega situada no Peloponeso). O preço dos cavalos variava entre 200 e 1.200 dracmas. A maioria custava 500 dracmas. Para comparação, uma ovelha podia custar entre 10 e 15 dracmas, e uma vaca 50 dracmas. Um escravo que soubesse conduzir um burro custava 140 dracmas, um ferreiro 360 dracmas. Comprar um cavalo era um grande investimento e o animal possuía muita importância como indivíduo devido a sua exclusividade (GAEBEL, 2012).

Kroll (1977) acredita que o valor que consta nos tablets não é referente ao valor de mercado do cavalo, mas sim ao valor conferido pelo conselho, encarregado de avaliar anualmente as habilidades de cavalos e cavaleiros, ao final das manobras. Tratava-se, portanto do sistema de avaliação empregado. O estado fomentava a manutenção de sua cavalaria com o pagamento da ração do animal, no valor de uma dracma diária, bem como de um empréstimo para a aquisição do cavalo. O empréstimo era pago ao estado quando o cavaleiro se retirava, sendo substituído por um novo. Em caso de morte do cavalo em serviço o cavaleiro ficava desobrigado de ressarcir ao erário. Os valores arbitrados pelo conselho quando das manobras serviam para a devolução dos empréstimos (KROLL, 1977).

2.1.2 Manejo

O ambiente grego impedia a criação de grande número de equinos como ocorria nas estepes, onde havia abundância de pastagens. O sistema grego de manejo dos equinos era

calcado na estabulagem; alimentação baseada em grãos (principalmente cevada) e feno; seleção de raças e com potencial ligação de afeto entre cavalo-humano.

Sabia-se que a melhor forma de criar cavalos é em sistemas que se aproximam de seu habitat natural. Segundo Aristóteles (2008, p.30): “Entre os cavalos, os que pastam em liberdade estão protegidos das várias doenças à exceção da gota [...]. Em contrapartida, os cavalos que vivem em estábulo estão sujeitos a um sem-número de doenças”. Xenofonte falou em estabular cavalos para o uso militar em decorrência da obrigatoriedade de colocá-los em regime de treinamento e condicionamento físico constantes.

Xenofonte fez advertência quanto à necessidade de que a comida do animal seja acondicionada em um armazém com segurança, a fim de evitar que o cavalo coma fora de hora e sofra de cólicas. Também mencionou que o animal devia ficar próximo da residência onde pudesse ser visto com frequência. Esta pode ser uma alusão sobre os cuidados que o animal requer, mas também pode sugerir a necessidade de se atentar contra furtos já que o preço do animal era algo a ser considerado.

Xenofonte não mencionou como deveriam ser construídas as instalações e tais referências não aparecem em outras obras que chegaram aos nossos dias. Existem trabalhos que mencionam escavações realizadas em variadas localidades da Grécia onde possivelmente cavalos foram abrigados. Estes locais são assim referenciados, pois as instalações possuíam cochos, um forte indicador de presença animal. Estão também localizadas como sugere Xenofonte em adjacência às residências ou mesmo dentro da estrutura de uma casa. As dimensões são aceitáveis para os padrões atuais e mais, se considerarmos que os cavalos eram pequenos. Na localidade de Kassope 3x4m, em Olintos 5x2,5m, em Colophon 2x2m e outra instalação com 2,6x3,4m (GREER, 2015). Xenofonte recomendou que o piso das instalações fosse o mais seco possível, de preferência inclinado para que líquidos fossem drenados. Ele também sugeriu que o piso fosse coberto por pedras, cada uma do tamanho do casco do cavalo. Essa recomendação também é feita quando ele falou de piquetes.

Xenofonte quando referido sobre o asseio do animal, recomendou a escovação, para a limpeza e criação de vínculo com o cavalo. Sobre banhos ele indicava que os cascos não fossem lavados, para que não se danificassem. O cuidado com os cascos é muito presente em seu manual. Entre as doenças dos cavalos que vivem estabulados, Aristóteles (2008) destacou

a cólica e o tétano. Afirmou também que entre os especialistas se dizia que os cavalos estavam sujeitos às mesmas doenças que os seres humanos.

Ainda sobre o manejo, Xenofonte citou que deveria ser um dever de todo cavaleiro possuir um tratador que fosse treinado em tudo o que se refere ao tratamento com o cavalo. Este tratador deveria retirar os excrementos diariamente da baia, cuidar da colocação do cabresto e cabeçada, fornecer duas alimentações diárias, uma pela manhã e outra à tarde, bem como realizar a escovação do cavalo diariamente, depois de comer a refeição da manhã. Há uma menção sobre a altura correta para realizar a amarração do cabresto em um poste, a fim de que o cavalo amarrado não apresentasse reações.

2.1.3 Equipamentos

Os elementos de controle a que estavam submetidos os cavalos no mundo grego eram severos. As embocaduras eram muito fortes, muito mais do que as atuais e o controle era exercido pelo medo ou dor. Alguns bridões traziam inclusive discos afiados, o que hoje seria considerado inaceitável. Isso impedia que o cavalo sentisse algum conforto. Uma teoria para toda essa brutalidade é a de que os métodos empregados seguiam uma concepção que os guerreiros tinham de si mesmos, da batalha e das feras que montavam. Anderson (1961) afirma que os bridões severos eram comuns entre Assírios, Persas e Gregos, embora não fossem universais. O uso destes equipamentos parece ter sido uma técnica desenvolvida pelos Assírios, para realizar o manejo de cavalos difíceis. Para Quesada-Sanz (2005), a severidade dos bocados pode ser um indicativo de que não havia muita técnica para o treinamento dos animais, nem paciência para realizá-lo.

Os gregos também utilizavam cabrestos para o manejo nos estábulos, para cavalos que tendiam a abrir a boca enquanto montados, utilizavam cabeçadas com focinheiras rígidas de metal, chamadas de *psalion*, conforme se pode observar na Figura 3 a seguir.

Figura 3 - *Psalion* séculos I a II d.C.



Fonte: Página do Museu Metropolitano de Arte - MET

Os gregos utilizavam também aparatos de bronze que impediam o cavalo de morder e o obrigavam a permanecer de boca fechada, muito semelhante às focinheiras para cães. Xenofonte argumenta que esse tipo de cabeçada deveria ser utilizada pelo tratador ao conduzir o cavalo para evitar mordidas (QUESADA-SANZ, 2005).

O bridão era a embocadura conhecida pelos gregos. Sendo que a embocadura padrão era utilizada pelos gregos sob duas formas: 1- barra única de metal; 2- duas pequenas barras unidas no centro por dois anéis. Para impedir que a embocadura deslizasse para fora da boca, pequenas barras de metal poderiam ser anexadas na parte de fora do bridão em ângulos retos. Na Figura 4, a seguir é possível visualizar bridão grego, possivelmente dos séculos IV a III a.C.

Figura 4 – Bridão grego séculos IV a III a.C



Fonte: Página do Museu Metropolitano de Arte - MET

O bridão é ainda hoje uma embocadura muito popular e sua atuação se dá na comissura labial do animal. Assim como na antiguidade, podem ser articulados ou inteiros. O freio, ao que tudo indica, uma invenção celta, não era conhecido pelos gregos até o século III a.C. A atuação do freio é mais severa que a do bridão, pois utiliza as rédeas ligadas a hastes de metal que atuam num sistema de alavancas com o ferro que vai no interior da boca do cavalo e pressiona a barra quando acionado. Essa pressão é realizada devido a barbela que é presa ao queixo do animal. Quanto maiores forem as hastes, maior será a pressão exercida. Esse tipo de embocadura pode causar lesões se mal-empregado, porém confere maior segurança ao cavaleiro, pois a obediência é maior à sua ação (GAEBEL, 2012).

Na ausência do freio os gregos desenvolveram equipamentos muito cruéis para aumentar a eficiência dos bridões e obediência dos cavalos. Para carruagens se utilizava em um dos lados, provavelmente o lado em que o cavalo possuía maior resistência para virar, cerdas afiadas fundidas ao metal do bridão que entravam em contato internamente com a bochecha quando puxada a rédea pelo condutor. Para montarias se desenvolveu um equipamento ainda mais severo, e foi utilizado em todo o período helênico, discos afiados fundidos ao bridão (GAEBEL, 2012).

Xenofonte dedicou atenção à utilização das embocaduras. Ele percebeu que a boca do animal é muito sensível e que meios cruéis deveriam ser evitados. Por esta razão divagou sobre a administração de medicamentos utilizados para manter a pele das pessoas suave. Essa pomada poderia ser aplicada na boca do cavalo para que ela se mantivesse suave. Ensinou que embocaduras lisas e suaves seriam melhores que as severas. Porém, também defendeu que o cavalo fosse iniciado com um bocado severo, para que tomando receio ao equipamento se agradasse do bocado mais suave que seria colocado na sequência.

Esporas eram utilizadas e bastante difundidas. Xenofonte falou sobre seu uso. Os modelos das esporas (Figura 5) também eram muito agressivos, pois a parte que atualmente é geralmente arredondada, chamada de cão, era pontiaguda, o que certamente causava ferimentos nos cavalos. Eram normalmente feitas de bronze e em alguns casos possuíam o cão feito de ferro (QUESADA-SANZ, 2005). Sobre o uso agressivo de esporas, chicote e bridões, Xenofonte afirmava que causavam desgosto ao animal, que em resposta poderia se tornar perigoso e agressivo em resposta aos maus tratos.

Figura 5 - Espora pontiaguda grega séculos IV a I a.C.



Fonte: Página do Museu de Arte Metropolitano - MET

Selas ainda não existiam, apenas mantas que eram sujeitas ao cavalo e presas por alças, embora na arte, muitas vezes os cavaleiros eram representados montando a pelo. Acredita-se, entretanto, que estas mantas trouxessem maior conforto para os cavaleiros. Xenofonte fazia críticas aos persas neste sentido, pois em sua opinião traziam mais mantas sobre a sela do que sobre as suas camas. Essa crítica também se traduz na necessidade de maior contato com o cavalo, fato que é diminuído se existe uma superfície densa como várias mantas sobre o seu dorso (GAEBEL, 2012).

A falta de estribos não era um problema. É plenamente possível desenvolver uma boa equitação sem eles. Atualmente, nos métodos de ensino da equitação militar (Figura 6) geralmente não se realiza o uso do estribo nas primeiras fases. Isso ocorre para que o aluno desenvolva equilíbrio, agilidade sobre o cavalo, independência e fixidez (caracterizada pelo desenvolvimento de um assento profundo).

Figura 6 - Policial militar em treinamento na Guarda Nacional Republicana em Portugal, sem o uso de estribos



Fonte: Arquivo do autor (2013)

A recriação de selas romanas, utilizadas no período imperial, e experimentação comprovaram que os estribos eram equipamentos dispensáveis. Obviamente possuem suas valências, permitindo maior estabilidade lateral e facilitando a montaria. Favorecem também o uso da espada, pois fornecem um ponto de apoio para alavancar um golpe, ou para a estabilidade do uso do arco ao galope. Entretanto, embora possam dar uma ideia de segurança aos cavaleiros não possuem qualquer vantagem no que se refere ao equilíbrio, pois não impedem que um cavaleiro deslize e caia para frente ou para trás quando este não possui habilidade (GAEBEL, 2012). Os cavaleiros gregos, mesmo sem estribos, empunhavam lanças, utilizavam sabres e considerando a atuação e táticas da cavalaria macedônica, inclusive realizavam cargas contra a infantaria, o que certamente é muito difícil e requer grande perícia na equitação (GAEBEL, 2012).

Sobre ferraduras não há evidências de que fossem utilizadas, porém hiposandálias feitas de couro eram conhecidas e utilizadas para a proteção dos cascos (QUESADA-SANZ, 2005). Gaebel (2012) discorda sobre o uso de hiposandálias, ao afirmar que no período helênico não havia ferraduras e mesmo as hiposandálias ainda não haviam sido inventadas,

tendo em vista que sua utilização remonta o Império Romano e parecem ser uma invenção celta. Ainda segundo o mesmo autor (2012), o clima quente e seco da Grécia pode ter favorecido o condicionamento de cascos saudáveis, porém o solo pedregoso pode ter sido um complicador, como ocorreu em 413 a.C., em Deceleia (Chipre), quando a cavalaria em constante ação contra os espartanos se viu acometida de muitos casos de claudicação. Em que pese momentos como este, a ausência de proteção para os cascos não impediu o uso do cavalo em campanhas militares (GAEBEL, 2012).

Proteções para os cavalos assim como para os cavaleiros eram empregadas. Os cavalos poderiam ser protegidos com chanfrões de bronze, peitorais e em alguns casos proteção para os flancos, que provavelmente eram feitos de tecido acolchoado (GAEBEL, 2012).

2.2 TREINAMENTO NA OBRA DE XENOFONTE E A CIÊNCIA ATUAL

Xenofonte escreveu um dos mais antigos manuais de equitação. Sua obra *peri hippekis* condensa muitas das ideias que os gregos tinham sobre seleção, manejo e treinamento de cavalos. Os escritos de Xenofonte são indispensáveis para o entendimento do pensamento grego, sobre a ciência equestre e nos dão noção do que havia de mais apurado em seu tempo. O general ateniense trouxe muitas referências sobre o treinamento de cavalos. Fez críticas sobre a forma de os gregos montarem (Figura 7) e recomendou que montassem mais próximos da cernelha do animal. O cavaleiro, segundo ele deveria manter uma posição como se estivesse de pé com as pernas separadas, para que as coxas tivessem maior contato com o animal. Esta posição (Figura 8) é ainda atualmente a posição clássica de montar a cavalo, pelas razões apresentadas por Xenofonte e por ser mais confortável para o animal, visto que o cavaleiro fica mais próximo do centro de gravidade do cavalo (ALMEIDA, 2011).

Figura 7 – Cavaleiros gregos retratados em ânfora panatenaica galopando em posição criticada por Xenofonte



Fonte: Página do Museu Metropolitano de Arte - MET

Figura 8 – Cavaleiro com posição clássica do assento para montar a cavalo



Fonte: Arquivo do autor (2017)

Outra recomendação interessante é sobre o final do trabalho. Xenofonte ensinou que o cavalo deveria ser desmontado no mesmo local onde estava praticando o treinamento para que se sentisse recompensado pelo trabalho. Essa é uma clara menção a reforço negativo, que ocorre quando o cavalo tem alívio daquilo que não gosta, em recompensa a um comportamento desejado apresentado (MCGREEVY & MCLEAN, 2009).

Sobre o preparo do cavalo de guerra há menções sobre o treinamento para saltar uma fossa, realizar descidas íngremes, galopar em terrenos inclinados para cima e para baixo. O Conselho em Atenas fazia verificações individuais dos cavalos quanto a sua saúde e se

estavam sendo alimentados e realizava avaliações coletivas sobre a equitação, para verificar se os cavalos eram obedientes e rápidos para o serviço militar (KROLL, 1977). O salto deveria ser ensinado à mão. Durante muito tempo essa foi a forma de se ensinar cavalos a saltar, porém atualmente caiu em desuso, em função da necessidade de bom impulso e bom equilíbrio, imprescindíveis para os cavalos saltarem com qualidade (ALMEIDA, 2011).

Xenofonte recomendava que o treinamento fosse realizado em locais variados e com exercícios diferentes para não impor uma rotina contraproducente ao animal. Descreveu exercícios realizados em desfiles e solenidades religiosas. Em um deles, claramente o exercício de alta escola conhecido por *levade*, menciona que os cavalos se apoiando sobre seus membros posteriores levantavam toda a parte frontal de seu corpo, de modo que se uma pessoa olhasse poderia ver toda a longitude da barriga do cavalo até o seu pênis. Ele afirmou que muitos ensinavam estes exercícios com golpes nas coxas dos cavalos, outros com golpes de chicote nos jarretes. Ele, por outro lado, ensinou que o cavalo deveria sentir o que faz, obedecendo o cavaleiro, recebendo descanso como recompensa. Isso vai ao encontro do que é ensinado por bons treinadores da atualidade. Os "encantadores de cavalos" modernos são observadores do comportamento do cavalo que respondem precisamente a sugestões sutis durante o treinamento (GOODWIN *et al.*, 2009). Xenofonte dizia que o cavalo devia fazer por sua própria vontade, assim exibiria seus melhores ares, quando o sinal do cavaleiro fosse dado. Falou em *passage*, isto é, quando um cavalo realiza o trote com muita elevação. Os movimentos são em razão da elevação, mais lentos que no trote ordinário.

Para os objetivos desta dissertação foram escolhidas sete menções de Xenofonte que englobam o grande tema treinamento. A primeira destas menções é referente à associação de comida, bebida e ausência de irritação à presença humana. Xenofonte reconheceu a importância das boas relações entre homens e cavalos, afirmando que esta associação criaria no animal uma estima pelo ser humano e sua presença. Sua posição, entretanto, é criticada por Boot & McGreevy (2013), pois as capacidades cognitivas dos cavalos estariam sendo superestimadas e esta teoria poderia ignorar os perigos em potencial de submeter os animais à fome e à sede, comprometendo o seu bem-estar. Os autores afirmaram ainda que a obra encoraja os treinadores a interpretarem comportamentos indesejados como desobediência do cavalo e a reagirem com punição, não passando estes ensinamentos pelo crivo das lentes da ciência moderna.

A segunda menção é a de que o comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso. Essa afirmação está correta. Pesquisadores têm apontado para as vantagens do manejo de neonatos para a criação de relações mais produtivas entre as espécies (SIMPSON, 2002; SPIER, 2004; DE ROSA *et al.*, 2005; LANSADE, 2005; PEREIRA-FIGUEIREDO, 2017). Os benefícios são relacionados à redução de incidentes com tratadores, médicos, ferradores e treinadores quando o manejo gentil é realizado desde o nascimento.

A terceira é a de acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões e estímulos visuais sem crueldade. Xenofonte não explica de que forma realizar o treinamento, porém parece se referir à técnica de habituação. A habituação pressupõe que o estímulo completo será apresentado diretamente ao cavalo. Normalmente a habituação ocorre pela repetição da apresentação de objetos, pessoas, ruídos, ou situações que provoquem medo até que o cavalo não apresente mais resposta de fuga (GÓRECKA, *et al.*, 2007). Na Figura 9, apresentada a seguir, observa-se o uso da técnica de habituação em um cavalo que observa uma bola de grandes dimensões colorida. Geralmente este objeto é utilizado em sessões de terapias assistidas com equinos.

Figura 9 - Cavalo é habituado a uma bola colorida



Fonte: Syllas Jadach Oliveira Lima (2020)

Ao contrário da habituação, a dessensibilização é a técnica onde o estímulo é gradualmente apresentado ao cavalo, sendo mais eficaz para o treinamento (CHRISTENSEN, *et al.*, 2006).

A quarta técnica é a de atuação com pressão e alívio. Esta técnica é conhecida como reforço negativo e apresenta ampla difusão em sua obra. Nesta técnica é subtraído um estímulo aversivo quando o cavalo apresenta o comportamento desejado (GOODWIN *et al.*, 2009). Como exemplo se pode citar a pressão exercida pelas pernas nos costados do cavalo para que avance. Quando o cavalo inicia a marcha a pressão é retirada. Os cavalos são sensíveis aos estímulos aversivos, provavelmente por serem presas, e parecem responder bem do ponto de vista da resposta ao treinamento (WARREN-SMITH; MCGREEVY 2007). Ocorre, entretanto, que a técnica quando comparada à de reforço positivo (cavalo ganha algo que gosta quando realiza o comportamento desejado) parece apresentar mais respostas de estresse e um retorno mais lento para o treinamento (HENDRIKSEN *et al.*, 2011). Basicamente todos os métodos tradicionais de treinamento têm sido orientados por objetivos, com a missão de produzir um animal seguro e eficaz, para uma tarefa em específico. O comportamento é positivamente ou negativamente reforçado de forma gradual; respostas indesejáveis são suprimidas ou adicionadas usando reforço negativo ou positivo, ou ainda por meio da punição (GOODWIN *et al.*, 2009).

A quinta técnica relatada é a de não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos, não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor, e sim conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto. Pesquisadores avaliaram a habituação de cavalos a objetos desconhecidos de forma livre (sem intervenção humana) ou na companhia de humanos quando foi praticado o manuseio gentil dos cavalos. Os cavalos manuseados estavam mais predispostos a se aproximar dos objetos desconhecidos e tiveram uma menor frequência cardíaca durante o experimento. Os pesquisadores concluíram que o manuseio gentil do humano favorece o processo de habituação, diminuindo a vigilância dos cavalos, quando um evento surpreendente ocorre (GÓRECKA *et al.*, 2007).

Como sexto ensinamento, Xenofonte orientava que se deveriam evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos. Ao proclamar esta máxima, Xenofonte afirmou que esta é a sua regra de ouro. O equitador ateniense parecia estar realmente preocupado com as relações entre humanos e equinos, sabedor de que a qualidade das relações influenciaria no

desempenho do animal. Os cavalos são capazes de identificar estados emocionais humanos e expressões faciais negativas provocam o aumento da frequência cardíaca (SMITH *et al.*, 2016). Nakamura *et al.*, (2018), concluíram que os cavalos são capazes de perceber emoções humanas envolvendo sinais auditivos e visuais. As emoções humanas negativas geram tensão nos cavalos.

Como sétima técnica de treinamento Xenofonte advertiu: quando o cavalo faz o que deseja agrada-o, quando é desobediente castiga-o. Não há menção sobre a forma de agradar, tampouco sobre a forma de castigar. O castigo ou punição é conceituado de duas formas: punição positiva e punição negativa (MCGREEVY; MCLEAN, 2009). Constituem exemplos de punição positiva bater, chicotear, golpear o cavalo com as esporas, estapear etc. A punição negativa é a retenção de algo atrativo ao cavalo como comida, conforto, água etc. McGreevy & McLean (2009) afirmam que a punição somente deve ser usada quando outras vias forem esgotadas. Mills (1998) afirma que para ser eficaz, a punição deveria ser aplicada imediatamente após a manifestação do comportamento indesejado. Além disso, o que ocorre normalmente é que a punição é absolutamente desproporcional ao comportamento que se deseja inibir (MCGREEVY; MCLEAN, 2009). A punição não deveria ser utilizada inadvertidamente, isso porque a punição não tem o condão de esgotar comportamentos indesejados, dessensibiliza o animal ao estímulo da punição e traz o risco de alterações emocionais deletérias que podem interferir na atenção e no aprendizado. Em muitos casos a aplicação recorrente de punição gera o chamado desamparo aprendido, quando os animais são incapazes de evitar ou escapar do punidor (MILLS, 1998).

Sobre treinamento com objetos novos, Xenofonte recomendou que o treinador demonstrasse o objeto, tocasse para que o cavalo aprendesse que não havia nenhuma ameaça. Criticou quem o fazia com chicotadas no animal, o que certamente provocaria mais medo e faria com que o animal associasse o objeto a algo ruim.

2.3 DEFINIÇÕES E TÉCNICAS SOBRE TEORIA DA APRENDIZAGEM PARA O TREINAMENTO DE CAVALOS

O treinamento, segundo Cooper (1998), envolve a supressão de respostas naturais indesejáveis, explorando o comportamento natural desejado e inculcando um novo

comportamento, por meio da combinação de princípios básicos de aprendizagem com as tendências naturais do aprendiz equino. Nesse processo de reforço do comportamento e criação de novo padrão, são importantes o temperamento e a capacidade de aprendizagem do equino, bem como, o estado motivacional e contexto geral ambiental (COOPER, 1998; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). O treinamento congrega os elementos do comportamento, começando com respostas naturais do cavalo, terminando com padrões complexos de comportamento não naturais (COOPER, 1998). Uma série de processos podem ser empregados, incluindo habituação, reforços positivos e negativos, punições positivas e negativas (COOPER, 1998). Esses processos não são empregados de forma isolada, mas simultaneamente (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). O treinamento eficaz sempre deve levar em consideração a etologia do cavalo (MCGREEVY & MCLEAN, 2007).

A ciência dos processos de aprendizagem animal é relativamente recente, tendo surgido em meados do século 20. É por isso, portanto, que as práticas no treinamento ainda estão impregnadas de tradições e muitos treinadores ainda não conhecem os desenvolvimentos realizados (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Muitos treinadores não dominam a teoria da aprendizagem, porém executam seu ofício (COOPER, 1998). É, contudo, de suma importância que os profissionais que lidam com os cavalos conheçam sobre a forma como eles aprendem, mormente quando estes estejam envolvidos com o treinamento dos animais. Isso é fundamental para qualquer sucesso que se deseje ter no treinamento, e se torna uma condição para a observância do bem-estar dos cavalos, visto que a utilização de técnicas contraditórias ou contraproducentes podem não ser aprendidas pelos cavalos, gerando desconforto e estresse, que em muitos casos podem resultar no desperdício dos animais ou no surgimento de comportamentos anormais (ÖDBERG & BOUISSOU, 1999; GOODWIN, *et al.*, 2009; HAUSBERGER, *et al.*, 2009).

A teoria da aprendizagem inclui aprendizagem não associativa (habituação e sensibilização) e aprendizagem associativa (clássica e condicionamento operante) (MCGREEVY & MCLEAN, 2007; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Aplicar a teoria da aprendizagem pode ajudar a treinadores de cavalos a trabalhar com seus cavalos de uma forma que acelera o aprendizado, mantendo a primordial observância do seu bem-estar (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017).

2.3.1 Aprendizagem não associativa

Envolve um estímulo único, que pode ser habituação ou sensibilização (MCGREEVY, 2007).

2.3.1.1 Habituação

Os cavalos são geralmente neofóbicos e costumam evitar situações novas ou ameaçadoras (COOPER, 1998). Eles naturalmente se habitua a estímulos ambientais que são frequentemente experimentados com poucas consequências (COOPER, 1998). Em nossas relações com os cavalos, inevitavelmente, um componente de habituação é estabelecido desde o princípio na forma como os manejamos e manipulamos (COOPER, 1998). A habilidade de um cavalo se habituar a variados estímulos assustadores é muito importante, pois aumenta a segurança das relações com os humanos (CHRISTENSEN; RUNDGREN; OLSSON, 2006).

A habituação descreve a diminuição progressiva da amplitude ou frequência de uma resposta a estimulação sensorial repetitiva (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). A principal mudança cognitiva decorrente da domesticação e das inter-relações entre humanos e equinos é a capacidade de habituação que os cavalos modernos possuem. Os cavalos domésticos se habitua facilmente a uma variada gama de variações ambientais e sociais (MCGREEVY & MCLEAN, 2007). A habituação é um pré-requisito para todos os outros tipos de aprendizagem, porque permite que os animais filtrem estímulos ineficazes e foquem em estímulos importantes (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). No treinamento os cavalos têm que se habituar a diversos aspectos do ambiente físico e social, aos equipamentos usados no treinamento e a pressões que são aversivas a alguns cavalos (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017).

Em estudo realizado sobre métodos de treinamento para a habituação a um estímulo assustador, Christensen, Rundgren e Olsson (2006) concluíram que o método mais eficaz e suave para habituar cavalos a situações assustadoras é o da habituação gradual. Esse método se caracteriza pela divisão do estímulo em vários passos até que todo o estímulo integral seja apresentado. Os outros dois métodos utilizados pelos pesquisadores foram o da habituação clássica, onde o cavalo é exposto ao estímulo total até que atenda ao critério de habituação

predefinido; e o da aprendizagem associativa, no qual os cavalos são treinados a associar o estímulo a uma recompensa positiva, comida no caso do estudo, antes de serem expostos ao estímulo integral.

2.3.2 Sensibilização

A sensibilização é o processo oposto ao da habituação. Na sensibilização a intensidade da resposta é aumentada, em rapidez e intensidade a um estímulo repetido (McLean & Christensen, 2017). Trata-se de quando um indivíduo é exposto a uma gama de estímulos atraentes ou aversivos; a sensibilização é a probabilidade de responder mais rapidamente ou com mais intensidade a este ou outro estímulo. Existe um grande risco no desenvolvimento de fobias. No treinamento de cavalos, estes expostos a estímulos dolorosos ou de medo mostram maior reatividade tanto ao estímulo original quanto a outros estímulos (McLean & Christensen, 2017). Como exemplo negativo podemos citar o cavalo que não deixa que toquem em suas orelhas e se estira quando amarrado. Por outro lado, a sensibilização como resposta à pressão das pernas do cavaleiro é positiva como forma de aprendizagem.

2.3.3 Aprendizagem associativa

Envolve uma relação entre pelo menos dois estímulos. São referidos como condicionamento associativo o clássico (pavloviano) e o operante (instrumental) (MCGREEVY, 2007). A diferença entre os dois métodos é que enquanto no condicionamento clássico a recompensa está associada ao estímulo, no condicionamento operante a recompensa está associada à resposta (MCGREEVY, 2007).

2.3.3.1 Condicionamento clássico

A aprendizagem associativa consiste em adquirir novas respostas. Após a repetição de um evento seguido pelas mesmas consequências, uma associação de longo prazo é construída entre o evento e o seu resultado e o comportamento do animal muda

(CHRISTENSEN; RUNDGREN; OLSSON, 2006). O condicionamento clássico é simplesmente a associação entre dois estímulos. O animal é apresentado a um estímulo e isso é seguido por um estímulo biologicamente importante, como por exemplo, dor ou um estímulo agradável, como comida ou liberdade (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017).

2.3.3.2 Condicionamento operante

É conhecido como aprendizado instrumental. Conforme McGreevy (2007) é o principal processo de aprendizagem de equinos e envolve efeitos variáveis de adicionar ou subtrair o estímulo desejado ou estímulos indesejados, para aumentar ou diminuir a probabilidade de uma resposta (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Os reforços, sejam negativos ou positivos, aumentam a probabilidade de um comportamento e as punições diminuem a sua probabilidade nesse tipo de treinamento (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017).

2.3.3.2.1 Reforço positivo

Para os cavalos não é natural associar sinais como comandos de voz, ou os comandos dados pelas mãos e pernas do cavaleiro, com as respostas esperadas pelos humanos ao emitirem esses sinais. A comida é um bom exemplo de reforço positivo que os cavalos associarão com seu comportamento natural. Assim, a resposta apropriada pode ser recompensada com a alimentação (COOPER, 1998).

2.3.3.2.2 Reforço negativo

Ocorre quando o cavalo aprende a evitar ou reduzir as indesejadas consequências do reforço negativo (COOPER, 1998). A remoção do estímulo recompensa a resposta desejada (MCGREEVY & MCLEAN, 2009; GOODWIN *et al.*, 2009; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). São exemplos de reforço negativo a pressão que o cavaleiro exerce com as suas pernas no costado dos cavalos, para que iniciem a marcha, e o alívio correspondente desta pressão quando a resposta é apresentada pelo cavalo. Outro exemplo é a tensão exercida pelo

cavaleiro nas rédeas, que estão ligadas à embocadura, para que o cavalo pare. Quando o animal executa o comportamento desejado, neste caso, realiza o auto a pressão exercida pelo cavaleiro é interrompida.

2.3.3.2.3 Punição

A punição se segue ao desempenho de um comportamento indesejado. Pode ser difícil para o cavalo associar a punição a uma parte específica do seu comportamento (COOPER, 1998; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Por exemplo, quando o cavalo é punido com uma chicotada ao se recusar a pular um obstáculo, pode associar os obstáculos, os saltos ou até ao ato de ser montado às punições (COOPER, 1998).

2.4 MÉTODOS DE INICIAÇÃO

As práticas a serem citadas são as mais comuns no Brasil. Existem ainda outras práticas, como doma índia, por exemplo, fundamentada na comunicação entre o treinador e o cavalo, e no entendimento da psicologia do cavalo, que se aproxima do descrito no *natural horsemanship*. Essa prática não foi descrita, tendo em vista ser ainda muito incipiente, restrita e sem base teórica.

2.4.1 Adestramento clássico

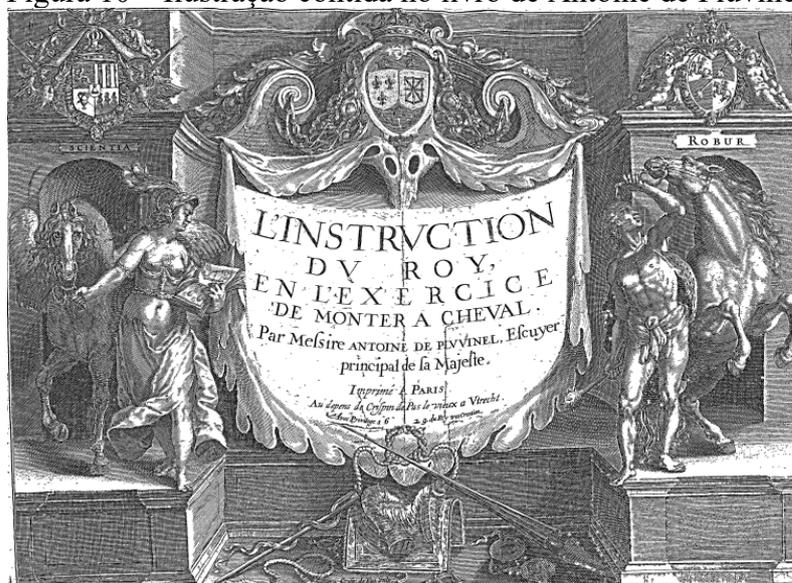
As técnicas de equitação que conduzem ao método clássico de doma e treinamento surgiram em Nápoles, Itália, no século XVI. O responsável por esse feito foi Federico Grisone, considerado o pai da equitação clássica, autor de um tratado sobre adestramento de cavalos intitulado *Gli ordini di cavalcare* (1550) (WÓJCIK, 2020). O trabalho de Grisone é fruto do Movimento Renascentista, da redescoberta do trabalho de Xenofonte (NELSON, 1985) e das ideias de expressão da beleza, criação e talento, e do desenvolvimento de homens e animais superiores por meio do treinamento. Além disso, existe uma mudança relativa ao uso militar do cavalo (COOLEY, 2019). Até esse período, os cavalos não eram treinados com propósitos específicos como o trabalho, o transporte ou o lazer relacionado à caça. O cavalo

de batalha medieval era um cavalo com pouca mobilidade, visto que carregava em torno de 225 kg somados o cavaleiro com armadura, arreios e equipamentos militares (NELSON, 1985). No início do século XVI as tropas de cavalaria pesada, estavam dando lugar a uma cavalaria com maior mobilidade, em função do emprego de armas de fogo que deixavam as tropas montadas muito mais vulneráveis no campo de batalha. A agilidade do cavalo passava a ser mais importante nesse período e os exercícios para uma maior flexibilidade e obediência foram otimizados (ÖDBERG; BOISSOU, 1999).

A equitação na Nápoles ocupada pelos espanhóis ia além da tradição equestre, era uma forma de infiltração cultural utilizada pelos italianos para influenciar os ocupantes. Os príncipes e nobres se dedicavam a selecionar, criar e treinar belos cavalos, para depois exibí-los em sua boa aparência e desempenho. O próprio Grisone era um nobre, que fora aluno do mestre Cola Pagano, napolitano que trabalhara a serviço do rei inglês Henrique VIII. As razões para os altos investimentos eram práticas e políticas. Práticas porque os envolvidos acreditavam que a reprodução seletiva poderia melhorar os animais ao longo do tempo trazendo benefícios. O treinamento de homens e cavalos era muito dispendioso, pois apenas o investimento em bons mestres tornava possível a manifestação de todo o potencial dos cavalos (COOLEY, 2019). Grisone buscava um cavalo confiante, e encorajava a agradar o cavalo com tapinhas no pescoço em caso de acerto. Ele explicava o medo dos cavalos ao serem conduzidos pela cidade ou ao passarem por uma ponte, como resultado de falta de preparação, inexperiência e treinamento insuficiente (COOLEY, 2019). As razões políticas para a criação e treinamento de cavalos estavam calcadas no prestígio social que esse investimento gerava. Havia um forte simbolismo que relacionava a nobreza a uma identidade cavalheiresca. Posteriormente centros de equitação passaram a ser criados em outros países europeus e desenvolvida e aprimorada a doutrina de Grisone e outros mestres da equitação (WÓJCIK, 2020). A obediência e sujeição sempre foram conceitos muito caros aos treinadores clássicos. Trabalhar o cavalo contra a sua vontade manifesta era uma técnica utilizada pelo mestre Antoine Pluvinel (1552-1620), para se buscar a sujeição. Pluvinel é o primeiro de uma geração de grandes mestres franceses. Ele foi aluno de Pignatelli, na escola de Nápoles, porém diferiu muito dos seus contemporâneos em seus métodos e teve uma grande influência no adestramento moderno. Pluvinel afirmava que um cavaleiro não deveria jamais perder a paciência e agredir o seu cavalo, e criticava, apesar do respeito por Pignatelli,

com quem passou seis anos em Nápoles, os mestres italianos, que apesar da grande habilidade técnica eram impacientes com os cavalos (NELSON, 1985). Pluvinel escreveu uma obra prima intitulada *L'instruction du Roy em l'exercice de monter a cheval* (1625), destinada ao Rei Luis XIII que era seu aluno. A ilustração da capa é magnífica e muito emblemática. Existem duas figuras que conduzem cavalos a mão: a ciência, representada por uma mulher e Robur (robusto). A ciência conduz um cavalo atento, com um livro à mão; enquanto Robur conduz um cavalo visivelmente assustado, que se ergue sobre as patas traseiras e mantém as orelhas para trás. Em sua mão Robur, o bruto, possui uma maça (forma aprimorada de porrete). Essa parece ser uma crítica atualíssima.

Figura 10 – Ilustração contida no livro de Antoine de Pluvinel



Fonte: Página Wikimedia

O duque de Newcastle, William Cavendish (1593-1676), por sua vez, defendia que para obedecer ao seu mestre o cavalo deveria primeiro temê-lo. Essa seria uma condição para o adestramento (LEGUIN, 2005). Em que pese as afirmações serem contrárias ao que se sabe hoje, e a presença de violência implícita nos métodos, o movimento começado por Grisone marcou o início do retorno ao que Xenofonte já havia pregado sobre o treinamento de cavalos e a necessidade de uma equitação harmoniosa, bela e com manejo gentil (NELSON, 1985). Sabe-se, contudo, que esses objetivos demoraram muito a ser alcançados, e por muito tempo os mestres estiverem muito afastados da gentileza nas relações como defendido por Xenofonte. O próprio Grisone não foi capaz de romper com as práticas medievais como o uso

de freios com dimensões assustadoras e uma forte noção de subjugação do cavalo (NELSON, 1985).

Com o passar do tempo o trabalho dos grandes mestres como Pluvinel e François Robichon de La Guérienière (1688-1751) conduziu ao desenvolvimento das técnicas de treinamento a equitação que tornaram o exercício de montar a cavalo uma arte. A elegância, beleza e graça dos movimentos do cavalo solicitados por meio de sinais discretos e suaves, passaram a ser um princípio. De La Guérienière ouvimos uma dura crítica aos profissionais da equitação, ainda muito atual:

Todas as artes e ciências têm regras e princípios por meio do qual descobertas são feitas que levam à perfeição. A Equitação parece ser a única que não requer nada além de prática. Essa ideia equivocada é a razão pela qual há tão poucos cavalos bem adestrados, e porque a maior parte daqueles que se lisonjeiam como cavaleiros têm tão pouca capacidade. A falta de princípios definidos coloca-a fora do poder dos estudiosos para distinguir falhas das perfeições. Não existe outro recurso além da imitação e por isso é mais fácil seguir um mau exemplo, do que adquirir conhecimento útil (tradução nossa) (LA GUÉRINIÈRE, 1801, p.1, tradução nossa).

La Guérienière falava em amar aos cavalos acima de tudo, como *conditio sine qua non* para o treinamento. A eficácia seria encontrada com paciência e assiduidade, decisão e vigor. Sua equitação era marcada por equilíbrio e graça nos movimentos. Suas ajudas muito finas, quase imperceptíveis aos expectadores, eram fruto do treinamento que tornava os cavalos flexíveis, leves e obedientes. No ensino de cavalos novos afirmava que o treinador deveria buscar o consentimento do cavalo, não forçar submissão, mas ganhar a confiança do animal, buscar sua boa vontade, com paciência, alcançando pequenos degraus de cada vez, em um método lento, progressivo e gentil (LA GUÉRINIÈRE, 1801). A equitação elevada à categoria de arte, praticada e difundida por grandes mestres e patrocinada pelo estado francês entrou em declínio em decorrência dos acontecimentos que marcaram a Revolução Francesa (ÖDBERG; BOISSOU, 1999).

Ocorreram embates ideológicos entorno dessa equitação mais artística e harmoniosa, em contraste à equitação mais funcional praticada nas academias militares (ÖDBERG; BOISSOU, 1999). Tanto os grandes mestres como os militares obcecados por manuais, deixaram as técnicas registradas, pois toda arte possui uma técnica (ALMEIDA, 2011). Vale citar a criação da Escola Espanhola de Viena (1572) onde ainda hoje esses princípios são praticados e difundidos, a Escola de Cavalaria de Saumur (1775) e Escola de Cavalaria de

Hannover (1920), sucessora do Instituto Prussiano de Equitação Militar (1866), ambas extintas, como grandes centros de disseminação da equitação militar (WÓJCIK, 2020).

O adestramento clássico fruto deste legado, é a base do hipismo que contempla as modalidades de adestramento e salto. Os objetivos do adestramento são tornar o cavalo mais flexível, mais calmo, confiante e obediente. Essas qualidades são expressas pela regularidade e ritmo das andaduras; a facilidade com que o cavalo carrega o cavaleiro e executa os movimentos solicitados; sua leveza e mobilidade dos anteriores e posteriores, juntamente com o engajamento dos posteriores que criam a impulsão; e a obediência e aceitação da embocadura sem demonstrar resistência (DAVIS, 2005). O objetivo dos mestres da equitação era tornar o cavalo tão flexível que seus movimentos e marchas naturais fossem apresentados, quando solicitados pelos cavaleiros com suavidade de modo ainda mais elegante (ÖDBERG; BOISSOU, 1999). O processo para se alcançar tal nível de adestramento era lento e sem violência (ÖDBERG; BOISSOU, 1999).

Para alcançar esses objetivos de forma sistemática os grandes mestres da equitação clássica publicaram muitos tratados. Atualmente esse conhecimento é sistematizado na pirâmide de treinamento, também conhecida por escala de treinamento. Ela prevê seis estágios progressivos a serem observados no treinamento de cavalos. São princípios que devem ser observados no treinamento de todos os cavalos. São eles: 1 - ritmo, 2 - descontração, 3 - contato, 4 - impulsão, 5 - retidão e 6 - reunião.

O regulamento de adestramento da Confederação Brasileira de Hipismo faz menção expressa à pirâmide de treinamento como um dos critérios de julgamento a ser observado pelos juízes nas provas de adestramento. Conforme o regulamento da CBH:

“Os juízes devem avaliar se o treinamento do cavalo corresponde aos princípios da “escala de treinamento”. Deve-se dar atenção especial ao contato suave e contínuo, com o cavalo mascando tranquilamente a embocadura, e com a nuca flexível. A nuca deve ser o ponto mais alto e o pescoço não deve ter qualquer bloqueio ou restrição. Flexão e encurvatura lateral devem ser desenvolvidas simetricamente, para ambos os lados. O cavalo deve ser elástico e obediente”. (CBH, 2021, p.).

Ela inicia com o ritmo que é alcançado por meio do ensino do cavalo a se movimentar livremente para frente. Quando o cavalo entende as ajudas do cavaleiro (ação

das mãos, assento e pernas do cavaleiro) passa a se mover de forma mais relaxada e confiante, sem apresentar resistência, estabelecendo um contato eficaz com a pressão praticada pelas mãos do cavaleiro em contato com a boca do cavalo, por meio da embocadura e das rédeas. Conforme o trabalho progride, o cavalo passa a ter maior impulsão, pelo desenvolvimento dos posteriores e adquire retidão. Por fim, no topo da escala, se encontra a reunião. Dependendo do ritmo seus passos são mais curtos, porém com maior elevação. O pescoço se arqueia graciosamente e entre a cabeça e a garupa se forma um arco onde o animal prossegue impulsionado. O cavalo se torna leve e adquire grande mobilidade. O adestramento clássico busca a leveza dos movimentos que o cavalo pratica em liberdade (DAVIS, 2005).

Há que se evidenciar o nome de Federico Caprilli, militar italiano, que revolucionou a equitação clássica, principalmente a modalidade de salto, com um método chamado natural em 1906, na Escola de Cavalaria Italiana de Pinerolo. Seu método consistia em permitir maior liberdade aos cavalos, de pescoço, tronco e cabeça e a manutenção do contato das mãos e rédeas do cavaleiro por ação do assento e panturrilhas. O cavaleiro também deveria se ajustar aos movimentos do cavalo, a fim de não interferir em seu ritmo, em contraste com a doutrina até então empregada, onde o cavalo se ajustava e se submetia ao cavaleiro. O encurtamento dos estribos e um assento leve, em contraste com o assento profundo do adestramento clássico também são legados deixados por Caprilli. Neste contexto, a equitação estava bastante relacionada ao treinamento da cavalaria e não por acaso, muitas modalidades do esporte equestre derivam desta tradição, utilizada como forma de treinamento para os efetivos militares (WÓJCIK, 2020).

2.4.2 Natural Horsemanship

Nas últimas quatro décadas tem havido um crescimento de métodos de treinamento baseados no comportamento natural dos cavalos (HENSHALL; MCGREEVY, 2014). O *natural horsemanship* ou equitação natural em nosso idioma é um método que foi desenvolvido nos Estados Unidos. Um de seus mais renomados precursores, Monty Roberts, defendeu que seu método é fruto de suas observações de manadas de mustangues no deserto de Nevada, EUA (ROBERTS, 2005). Pat Parelli, outro expoente, afirmou que o método não foi inventado, e sim redescoberto e se refere a Xenofonte e sua afirmação de que a

comunicação é a chave para a equitação. Para ele a dinâmica do *natural horsemanship* está na comunicação, no entendimento e na psicologia (PARELLI, 2003).

Para Birke (2008) o *natural horsemanship* parece conduzir a uma mudança de atitude da instrumentalidade, para uma empatia com os animais. Isso ocorre por diversas razões entre elas a consciência de sensibilidade e subjetividade dos animais, em detrimento das crenças funcionais de que os animais simplesmente existem para nós os utilizarmos. Como resultado desta mudança os métodos de treinamento coercitivos de animais têm sido questionados, para uma abordagem mais gentil. O crescimento do método é, nesse sentido, uma tendência, mais ampla de como nos relacionamos e treinamos os animais (BIRKE, 2008). Nesse novo contexto não é suficiente ser gentil dentro dos velhos sistemas de criação e de treinamento. A procura por métodos distintos, neste caso o propagado por Monty Roberts, vem da crença de que os métodos naturais de equitação oferecem algo que lhes dará um relacionamento mais próximo e confiável com os cavalos (BIRKE,2007).

Durante suas observações Roberts (2005) teria aprendido os sinais ou padrões comportamentais da comunicação entre os cavalos; a forma como se disciplinam, como brincam, como se aceitam. A partir de suas observações desenvolveu um método de comunicação chamado de “Equus”. Segundo Roberts (2005) se trata de uma técnica baseada no respeito e na cooperação. O objetivo do seu método é criar confiança. Utilizar a mesma linguagem utilizada pelos cavalos entre seus coespecíficos, a fim de alcançar a comunicação entre o cavalo e o homem. A chave da comunicação afirma Roberts (2005) é o posicionamento do corpo em relação ao corpo do cavalo. Os cavalos, de acordo com seu método, são animais que estão sob constante pressão em suas relações. Prova disso para Roberts (2005) é que se você pressionar com o seu dedo o quarto traseiro de um cavalo, ao invés dele se afastar ele irá pressionar o peso contra o seu dedo. Sua técnica de pressão e alívio é chamada por ele de “avance e recue” (ROBERTS, 2005).

O principal contexto em que o treinador imita o comportamento natural dos cavalos é no treinamento em redondel (HARTMANN; CHRISTENSEN; MCGREEVY, 2017). Na Figura 11 a seguir, é possível ver um cavalo sendo treinado em redondel, com cabresto e guia.

Figura 11 - Cavalo em treinamento em redondel



Fonte: Syllas Jadach Oliveira Lima (2022)

Neste treinamento o cavalo é afastado por meio de sinais posturais e auditivos, que provocam uma resposta de fuga no cavalo. Ao entrar no caminho de fuga do cavalo o treinador o obriga a mudar de direção, estabelecendo a dominação humana. A remoção dos sinais aversivos permite ao cavalo parar de fugir e buscar a aproximação do treinador. Esta resposta do cavalo é então interpretada como o cavalo aceitando a liderança do humano, semelhante ao papel assumido de líder do rebanho ou égua alfa (HARTMANN; CHRISTENSEN; MCGREEVY, 2017).

Os treinadores do *Natural Horsemanship* identificam como tendo maior relevância para as interações homem-cavalo as seguintes interações intraespecíficas: 1 – hierarquias de domínio, 2 – comportamento agonístico e 3 – organização social do rebanho (HENSHALL; MCGREEVY, 2014). Os treinadores eficazes são aqueles que se tornam líderes dos cavalos, alcançando com sucesso uma classificação mais elevada do que o cavalo. Estes treinadores afirmam que é possível e necessário imitar atributos posturais e comportamentais dos cavalos dominantes para comunicar esse status ao treinamento do cavalo inferior. O resultado é que o cavalo inferior cumpre as instruções do membro dominante, nesse caso o homem (HENSHALL; MCGREEVY, 2014).

As falhas no treinamento são caracterizadas como resultantes de o cavalo desrespeitar a liderança ou status superior do treinador, ou falhas do treinador em se comportar como um líder (HENSHALL; MCGREEVY, 2014). O conceito de liderança é

fundamental, nele o treinador se correlaciona com a posição alfa em uma hierarquia de dominância, em que o papel do humano é iniciar e controlar as interações e o papel do cavalo é cumprir as instruções (HENSHALL; MCGREEVY, 2014). Os treinadores não fazem referência ao trabalho de etologistas. O conceito de liderança, conforme definido pelos treinadores do *Natural Horsemanship* não é usado pelos etologistas (HENSHALL; MCGREEVY, 2014).

As interações entre cavalos e o conceito de liderança, conforme defendido pelos treinadores do *Natural Horsemanship* não são confiáveis no cavalo, conforme evidenciado em outros estudos (HARTMANN; CHRISTENSEN; MCGREEVY, 2017). As respostas durante o treinamento são mais provavelmente resultado de reforço durante o qual as respostas corretas foram recompensadas de alguma forma ao invés de um status social elevado e um papel de liderança humano (HARTMANN; CHRISTENSEN; MCGREEVY, 2017). Asseverou Birke (2008) que, embora os adeptos do método falem em liberdade do cavalo fazer o que quer, seu objetivo ainda é o de controlar os movimentos do cavalo. Mesmo ao tratarem de exercícios que os cavalos certamente não realizariam por vontade própria, como lateralizar, ou recuar estes proprietários sustentaram um discurso que essa seria a vontade do cavalo (BIRKE, 2008). É provável que estes indivíduos estejam realmente interessados em realizarem relacionamentos benéficos com seus companheiros equinos, entretanto, ao final de uma análise mais profunda, as relações acabam sempre se desenvolvendo centradas no ser humano, posicionando o animal como um sujeito vulnerável e passivo desta relação (DASHPER, 2017). Em estudo que procurou explorar as crenças de proprietários e treinadores sobre o *Natural Horsemanship*, Birke (2007) concluiu que donos querem encontrar maneiras de trabalhar com seus cavalos baseado no respeito. Essa talvez seja a principal mudança cultural trazida pelo método. Como resposta ao clamor social os treinadores passaram a incorporar esse discurso, conforme descrito por (LATIMER & BIRKE, 2009; LUNA *et al.*, 2017).

2.4.3 Doma tradicional

A doma tradicional é um método que consiste no uso da força e da exaustão do animal para submetê-lo à vontade do treinador. A doma tradicional está relacionada com a

ancestralidade e saberes tradicionais. Os métodos e técnicas não estão escritos, os saberes são práticos. Conforme Lima (2015), na doma gaúcha/campeira, o conhecimento ancestral dos domadores é repassado por meio da observação e prática às novas gerações de domadores. O domador aprende na observância da prática dos mais experientes, seu conhecimento é eminentemente prático, moldado por suas experiências e desenvolvido pela prática do ofício com os animais e pelo seu engajamento no uso dos equipamentos. É assim que o domador vai desenvolvendo as suas habilidades. Talvez, por isso, as técnicas sejam muito particulares e variem para cada domador. Tradicionalmente os domadores percorriam as estâncias em busca de animais que necessitassem ser domados (LIMA, 2015).

A normalização da violência é costumeira numa metodologia baseada no uso da força e imposição, onde os casos de desperdício são recorrentes e a culpa pelo insucesso normalmente recai sobre o cavalo, supostamente detentor de características como: indócil, velhaco, baldoso (LIMA, 2015). Como a arte imita a vida as músicas tradicionalistas estão cheias de exemplos de como a violência é corriqueira. Em uma canção popular intitulada Décima do Potro Baio, gravada em 1975 por Noel Guarany, no disco Sem Fronteiras, descreve um domador que vai a uma estância a procura de trabalho e encontra. No local ele se agrada de um cavalo baio que era respeitado pelos peões locais, por não se submeter à doma. Noel Guarany conta que o domador belisca, isto é, o chicoteia da marca, que geralmente está colocada na coxa do animal até o seu focinho, isto é, por todo o seu corpo, e isto faz com que o cavalo corcoveie em demasia. Vejamos essa primeira parte a seguir:

“E eu apeei lá no Gouvêa
Pra tomar um trago de vinho
Depois belisquei o baio
Desde a marca até o focinho
Este baio corcoveava
Mesmo que boi tafoneiro
Pois já estava acostumado
A corcovear o dia inteiro”.

Mais adiante Noel Guarany descreve que em razão dos corcoves do animal serem fortes e muito frequentes o domador chega quase a sufocar e fica com receio de cair. Em razão das esporas não estarem boas, o domador até se pergunta: o que seria deste baio? Certamente ele seria fustigado com mais violência se elas estivessem completas. Por fim o domador afirma que deixou o cavalo baio todo bordado, isto é com a pele toda levantada, em

razão da surra com o chicote e dos golpes com a espora e isto fez com que o cavalo ficasse manso, a tal ponto, que ele pode ser montado até por uma dama.

O baio não via nada
 E continuava corcoveando
 Menina, minha menina
 Me agarra, senão eu caio
 Que eu já venho sufocado
 Com o balanço deste baio
 Uma espora sem roseta
 E a outra sem papagaio
 Se as duas estivessem boas
 ¿O que seria deste baio?
 Quase arrebentei o pulso
 E as duas canas do braço
 Deixei o baio bordado
 De tanta espora e mangaço
 Um dia deixei a estância
 E fui cumprir minha sina
 Mas o baio ficou manso
 Inté pro selim de china"

Na América do Norte a doma tradicional é descrita pelo termo (breaking) e do mesmo modo que na cultura tradicional brasileira possui um viés de imposição à força, submissão e de desconsiderar os comportamentos naturais dos cavalos (WARAN, *et al.*, 2002). Em suas viagens pela América do Sul, o naturalista britânico Charles Darwin registrou o método de doma tradicional gaúcho quando esteve no Uruguai:

O gaúcho escolhe um potro bem crescido e, enquanto o animal corre ao redor do picadeiro, ele atira seu laço para pegar as patas dianteiras. Instantaneamente o cavalo rola com um choque pesado, e enquanto ele se debate no chão, o gaúcho, segurando firme o laço, faz um círculo para pegar uma das patas traseiras perto do casco e então a puxa para perto das patas fronteiras dele. Nesse momento, ele aperta o laço, para que as três fiquem presas juntas. Então, sentando no pescoço do cavalo, ele fixa uma forte rédea, sem bocado de freio, no maxilar inferior. Consegue isso fazendo passar uma correia estreita pelo orifício da extremidade das rédeas e dando várias voltas em torno da mandíbula e da língua do cavalo. As duas patas dianteiras estão agora amarradas juntas firmemente com uma forte tira de couro, apertadas por um nó de correr. O laço, que prendia as três patas juntas, assim que afrouxado, permite que o cavalo se levante com dificuldade. O gaúcho, agora segurando firme a rédea presa no maxilar inferior, leva o cavalo para fora do curral. Se um segundo homem está presente (de outra forma o trabalho é muito maior), ele segura a cabeça do animal, enquanto o primeiro lhe põe os arreios e a guarnição completa e amarra tudo junto. Durante essa operação, o cavalo, assustado e surpreso por ser assim amarrado pela cintura, atira-se ao chão várias vezes até que, cansado, recusa-se a se erguer. Finalmente, quando o encilhamento está completo, o pobre animal mal consegue respirar de medo e está coberto de suor e espuma branca. O homem agora se prepara para montar, apertando fortemente os estribos para que o cavalo não perca seu equilíbrio. No momento em que ele lança sua perna sobre o lombo do animal, puxa o

nó corrediço, soltando as patas dianteiras da besta, que fica livre. Alguns domidores puxam o nó enquanto o animal ainda está deitado no chão e, montados na sela, esperam que o animal se ponha de pé. O cavalo, transfigurado pelo terror, dá os mais violentos saltos e então parte em disparada. Assim que o animal atinge a exaustão, o homem, com paciência, o trás de volta ao curral, onde, esfumaçando de calor e quase morta, a pobre criatura é libertada. Esse processo é tremendamente severo, mas após duas ou três vezes o cavalo está domado. Não é, contudo, senão algumas semanas depois que o cavalo é montado com o bocado de ferro e anel sólido, pois ele deve aprender a associar a vontade do cavaleiro com a sensação da rédea, uma vez que, antes disso, mesmo a mais poderosa brida não serviria para nada (DARWIN, 2010, p.149-150).

Fazem parte da doma gaúcha técnicas de contenção do animal como “manear” (prender os pés ou as mãos do animal com tiras de couro unidas a argolas de ferro); “quebrar o queixo” com a colocação do bocal de couro (tira de aproximadamente três centímetros de largura que é amarrada no queixo do animal). A quebra do queixo geralmente é realizada com o animal amarrado a um palanque; o animal é maneado e posteriormente deitado. A técnica de “quebrar o queixo” é uma técnica para deixar o cavalo sensível à ação da embocadura. O domador aplica puxões, chamados de tirões, forçando que o queixo do animal vá em direção ao seu peito, para baixo (LIMA, 2015).

O objetivo deste tipo de treinamento é produzir no cavalo a eficiência e segurança para a execução de tarefas específicas. Durante o treinamento os cavalos são submetidos a diferentes abordagens que podem variar da punição ao reforço positivo, da habituação ao reforço negativo. Por não apresentar uma preocupação ou observância do comportamento natural do cavalo em algumas técnicas utilizadas, o treinamento pode ser de difícil compreensão para o cavalo e alguns não obtêm bons resultados (GOODWIN, *et al.*, 2009).

2.5 CIÊNCIA DA EQUITAÇÃO

A ciência da equitação não é um método, mas sim um movimento, que tem como objetivo melhorar a clareza e o uso de processos de aprendizagem (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Ela se utiliza da teoria da aprendizagem para desmistificar e simplificar o treinamento (MCGREEVY & MCLEAN, 2007). Surgiu da constatação de que os problemas com os cavalos montados são difíceis de resolver devido à falta de conhecimento científico na equitação (MCGREEVY, 2007). A ciência da equitação segundo McGreevy (2007) não busca transformar a equitação em uma ciência, ela objetiva

desenvolver métodos científicos para estudar, medir e interpretar as relações entre o cavalo e o cavaleiro durante a equitação. O foco está, portanto, na eficácia das técnicas, que podem ser comparadas e avaliadas com o auxílio do método científico. O papel dos seres humanos no treinamento é reforçar consistentemente os comportamentos desejáveis (MCLEAN, 2013). O treinamento eficaz mescla as teorias não associativas e associativas (MCGREEVY & MCLEAN, 2007).

Existe, conforme observado por McLean (2013) muita resistência em relação às explicações científicas no treinamento de cavalos. Para o pesquisador, chega a ser surpreendente a carência na compreensão dos conceitos da teoria do aprendizado entre treinadores de equitação. A resistência que existe na adoção de técnicas com eficácia científica e que preservam o bem-estar dos cavalos pode ter outra raiz: a tradição; e de algo mais profundo na psique humana, uma noção de que o cavalo é benevolente, voluntário, que busca retribuir ao humano o seu amor (MCLEAN, 2013).

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar qual o impacto da tradição na base de conhecimento que guia a escolha do método dos profissionais do cavalo.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Comparar alguns métodos de Xenofonte com os métodos equivalentes contemporâneos de treinamento, com base na literatura científica.
- Distinguir quais são as chaves de crença do público que treina cavalo.
- Investigar se o treinador se identifica como domador, *horsemanship*, professor/instrutor ou treinador baseado em métodos ou em nomenclatura.

CAPÍTULO I

ANÁLISE COMPARATIVA DE MÉTODOS DESCRITOS POR XENOFONTE COM MÉTODOS CONTEMPORÂNEOS DE TREINAMENTO, COM BASE NA LITERATURA CIENTÍFICA

RESUMO

A ancestralidade dos métodos, técnicas e equipamentos, empregados na equitação são alvo de preocupação para os adeptos do bem-estar animal. Normalmente quando buscadas na literatura referências antigas elas estão em desacordo com esta temática. Xenofonte, criticado e reverenciado por muitos, foi o célebre autor de um dos primeiros tratados sobre equitação que se tem notícia na história. Em sua obra intitulada (*Peri Hippikes*), Xenofonte abordou variados temas relacionados ao cavalo, porém revelou um olhar diferenciado para boas relações humano-cavalo, num período em que essas relações eram bastante violentas. Neste trabalho foram comparadas sete passagens de sua obra com foco na temática do treinamento, com a literatura científica contemporânea e verificou-se se Xenofonte estava correto em suas afirmações e se elas ainda hoje seriam aplicáveis.

Palavras-chave: Xenofonte. Treinamento. Cavalos. Boas-relações

ABSTRACT

The ancestry of the methods, techniques and equipment used in horseback riding is a matter of concern for supporters of animal welfare. Usually, when old references are searched in the literature, they are at odds with this theme. Xenophon, criticized and revered by many, was the famous author of one of the first treatises on horsemanship in history. In his work entitled (*Peri Hippikes*), Xenophon addressed various themes related to the horse, but revealed a different look at good human-horse relationships, in a period when these relationships were quite violent. In this work, seven passages from his work focusing on the theme of training were compared with contemporary scientific literature and it was verified if Xenophon was correct in his statements and if they would still be applicable today.

Keywords: Xenophon. Training. Horses. Good relations

1 INTRODUÇÃO

Xenofonte (430-355 a.C), foi um militar, historiador e filósofo ateniense que escreveu uma obra fundamental para a análise das relações que os antigos gregos mantiveram com os cavalos: A arte do *horsemanship* (*peri hippikes*). Neste manual, desenvolvido para a evolução da cavalaria ateniense, ele descreve sobre a arte de se relacionar com os cavalos, sobre a seleção de cavalos, cuidados, uso de equipamentos, instalações e treinamento, com foco na psicologia do cavalo. Xenofonte já reconhecia a necessidade da boa relação humano-cavalo para o sucesso no treinamento.

Para o desenvolvimento deste estudo foram escolhidas sete passagens da obra de Xenofonte onde o tema treinamento é abordado (Criar associação de comida, bebida e ausência de irritação à presença humana; Comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso; Acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões, estímulos visuais, sem crueldade; Atuar com pressão e alívio; Não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos, não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor. Conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto; Regra de ouro. Evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos; Quando o cavalo faz o que deseja agrada-o, quando é desobediente castiga-o). Xenofonte tinha a clara noção de que as relações com os cavalos tinham que ser positivas. Ao assumir esta posição e expressar de forma contundente a necessidade de um olhar para o comportamento equino no sucesso para o treinamento, Xenofonte se colocou muito à frente de seu tempo, pois sua sociedade era marcada por relações muito violentas para com os cavalos (QUESADA-SANZ, 2005).

As mudanças de conceitos e a aquisição de novos conhecimentos no campo da ética, do bem-estar animal e da aprendizagem animal são muito recentes e surgiram apenas após a segunda metade do século XX (BROOM, 2011; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Não obstante existirem lacunas e falhas em sua obra, como por exemplo, pressupor capacidades mentais superiores aos cavalos, como a tomada de decisão para a obediência ou desobediência em treinamento, algo não comprovado pela ciência (HEUSCHMANN, 2007; BOOT & MCGREEVY, 2013), os escritos de Xenofonte são extremamente relevantes. O objetivo deste estudo é saber se, algumas técnicas relatadas por Xenofonte encontram respaldo nos métodos contemporâneos de treinamento, com base na ciência moderna.

2 METODOLOGIA

2.1 TÉCNICAS DESCRITAS POR XENOFONTE X REFERÊNCIAS CIENTÍFICAS ATUAIS

O autor realizou levantamento bibliográfico sobre as relações humano-equinos na Antiguidade Clássica Grega. Foram empregadas análises multivariadas seguindo metodologia de pesquisa qualitativa descrita por Bengtsson (2016). Inicialmente a obra de Xenofonte intitulada *A arte do horsemanship* foi lida e realizada a sua descontextualização, sendo escolhidas sete técnicas relacionadas ao treinamento, com enfoque para as boas relações humano-cavalo. As sete técnicas estão descritas a seguir no Quadro 1:

Quadro 1 – Sete técnicas relacionadas ao treinamento, da obra de Xenofonte

I - Criar associação de comida, bebida e ausência de irritação à presença humana;
II - Comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso;
III - Acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões, estímulos visuais, sem crueldade;
IV - Atuar com pressão e alívio;
V - Não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos, não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor. Conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto;
VI - Regra de ouro. Evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos;
VII - Quando o cavalo faz o que deseja agrada-o, quando é desobediente castiga-o.

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir dessa seleção foi feita uma análise comparativa, tendo como base de as sete técnicas de referência de Xenofonte e como base de comparação, estudos da literatura científica desde 2005, quando o termo *Equitation Science* foi criado (MCGREEVY, 2007). A busca de literatura científica foi realizada no Google Acadêmico com base nas seguintes palavras-chave: *horse(s)*, *equine*, *training*, *horsemanship*, *equitation*, *equitationscience*, *learningtheory*, *welfare*, *apparatus*, *equipment*, *ethology*, *behaviour*, *conditioning*. Com as referências de base e as bases de comparação para cada uma das sete técnicas relacionadas ao treinamento (de Xenofonte) estabelecidas foi feito um quadro que contém as referências bibliográficas e se as técnicas encontram amparo científico na atualidade (sim/não). Procurou-se estabelecer se houve mais rupturas ou continuidade das práticas e se tais práticas encontram ou não justificativa científica para serem aplicadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 TABULAÇÃO DOS DADOS ENTRE AS TÉCNICAS DESCRITAS POR XENOFONTE E REFERÊNCIAS PARA ESTAS TÉCNICAS NA CIÊNCIA ATUAL

No quadro 2 estão discriminadas as técnicas, sua prática descrita na obra de Xenofonte, se a técnica encontra respaldo científico e a referência para sua cientificidade.

Quadro 2 – Tabulação dos dados das técnicas descritas por Xenofonte em contraste com ciência atual

Área	Prática	Base científica (SIM/NÃO)	Referência
Técnicas para treinamento	Criar associação de comida, bebida e ausência de irritação à presença humana.	Sim	SANKE <i>et al.</i> , 2010a; BOOT&MCGREEVY (2013); ELLIS & GREENING, 2016; SANKE <i>et al.</i> , 2020b; LANSADE <i>et al.</i> , 2021
Técnicas para treinamento de potros	Comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso.	Sim	SIMPSON, 2002; SONDEGAARD & HALEKOH, 2003; SPIER, 2004, LANSADE <i>et al.</i> , 2005; DE ROSA <i>et al.</i> , 2005; HAUSBERGER, 2008; SCHMIDEK <i>et al.</i> , 2011; PEREIRA-FIGUEIREDO <i>et al.</i> , 2017; KING <i>et al.</i> , 2019; HOUPPT & SACKMAN, 2019
Técnicas para treinamento de potros	Acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões, estímulos visuais, sem crueldade.	Sim	CHRISTENSEN <i>et al.</i> , 2006; CHRISTENSEN, 2012; CHRISTENSEN <i>et al.</i> , 2011
Técnicas para treinamento	Atuar com pressão e alívio	Sim	COOPER, 1998; MCLEAN, 2005; WARREN-SMITH & MCGREEVY, 2007; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017; FENNER <i>et al.</i> , 2019
Técnicas para treinamento	Não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos, não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor. Conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto.	Sim	MILLS, 1998; WARAN <i>et al.</i> , 2002; GORECKA <i>et al.</i> , 2007; MCGREEVY & MCLEAN, 2009; SCHMIDEK, 2018
Perfil do treinador	Regra de ouro. Evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos.	Sim	HAUSBERGER & MULLER, 2002; HENRY <i>et al.</i> , 2005; FUREIX <i>et al.</i> , 2009; WATHAN <i>et al.</i> , 2016; NAKAMURA <i>et al.</i> , 2018; SMITH <i>et al.</i> , 2018; LANSADE <i>et al.</i> , 2021

Técnicas para treinamento	Quando o cavalo faz o que deseja agrada-o, quando é desobediente castiga-o.	Sim	COOPER, 1998; MILLS, 1998; WARAN et al, 2002; HALL <i>et al.</i> , 2008; MCGREEVY & MCLEAN, 2009; HAUSBERGER <i>et al.</i> , 2019
---------------------------	---	-----	---

Fonte: Elaborado pelo autor

3.2 ANÁLISE DE SETE TÉCNICAS DE TREINAMENTO DESCRITAS POR XENOFONTE EM CONTRASTE COM A CIÊNCIA MODERNA

I - Criar associação de comida, bebida e ausência de irritação à presença humana.

Esta afirmação gera dupla interpretação. Uma possibilidade que emerge da análise desta afirmação é a da criação de restrições para condicionamento do animal, enquanto ausente da presença humana. O fornecimento de poucas refeições, apenas na presença do treinador poderia ser uma técnica utilizada na época em que Xenofonte escreveu seu manual. Isso, sob o prisma das boas relações e do bem-estar animal é péssimo, além de ser muito perigoso para a saúde, se pensarmos em restrições de natureza alimentar e todas as possibilidades nefastas que essa prática pode causar (BOOT & MCGREEVY, 2013). A supressão de alimentação é definida como punição negativa (MCGREEVY & MCLEAN, 2009).

No caso específico de proporcionar momentos prazerosos para os animais, quando em contato com os seres humanos a medida é muito interessante. A própria linguagem utilizada por alguns proprietários para lidar com seus animais de estimação, com alteração do timbre, utilização de diminutivos, usada também por alguns para interagir com bebês humanos é fator de promoção de relações de qualidade. Em um estudo realizado sobre o tema pesquisadores concluíram que os cavalos que eram tratados com esse estímulo demonstraram mais atenção, olharam mais para a pessoa que se comunicava desta forma e se moveram menos durante uma atividade que consistia em coçar os animais com os dedos (LANSADE *et al.*, 2021). A promoção reiterada de boas relações pode levar ainda a criação de memórias positivas em cavalos, é o que aponta o estudo no qual foram avaliados cavalos treinados com reforço positivo, que consistia em recompensa alimentar e cavalos que não recebiam recompensa (SANKE *et al.*, 2010a). A criação de uma situação de aprendizagem positiva influenciou tanto a aprendizagem como o comportamento durante o treinamento. O vínculo

positivo criado pelas recompensas foi capaz de criar uma memória de longo prazo da relação com humanos, sedimentou o vínculo específico com treinador e trouxe evolução para o aprendizado e memorização da tarefa tratada no treinamento. A memória positiva em relação aos seres humanos foi estendida às pessoas estranhas (SANKE *et al.*, 2010a). O desempenho de animais que recebem reforços positivos de natureza alimentar também é superior quando comparado com reforços como tapinhas ou carícias (ELLIS & GREENING, 2016). É possível que esse estímulo tátil não seja percebido de maneira suficientemente positiva pelos animais (SANKE *et al.*, 2020b).

II - Comportamento do potro pode ser moldado, para criar um animal amável, tratável e carinhoso.

Esta afirmação encontra respaldo na ciência e cada vez mais a prática vem sendo desenvolvida por criadores e treinadores que buscam produzir animais mais calmos, mais fáceis de montar, mais comerciáveis. O aumento do bem-estar e segurança no manejo são fatores que influenciam diretamente na diminuição do risco de acidentes de manejo e facilitam o trabalho de ferreiros e veterinários (SONDEGAARD & HALEKOH, 2003; PEREIRA-FIGUEIREDO *et al.*, 2017; KING *et al.*, 2019). Houpt & Sackman (2019) afirmaram que a personalidade engloba essas características inatas e as modificações da expressão do temperamento promovidas pelo meio, a socialização, o treinamento, o manejo, a associação com humanos, além de outras experiências.

Os protocolos de manejo de potros visam reduzir o medo e o estresse que estes animais podem desenvolver em relação ao contato com humanos. Uma forma bastante conhecida é a do manejo neonatal. De Rosa *et al.* (2005), manusearam potros em um curto período, comparando potros expostos ao contato intenso com seres humanos, em diferentes períodos, desde o nascimento e potros que não foram expostos a este contato. Os autores concluíram que quanto mais cedo os potros são submetidos aos estímulos, mais rápida se torna a dessensibilização. Quanto aos efeitos, diversos autores (SIMPSON, 2002; SPIER, 2004, LANSADE *et al.*, 2005) sustentaram que são apenas temporários, embora ocorram ganhos reais no que se refere à colocação do cabresto, trabalho básico que será realizado por toda a vida do potro (SCHMIDEK *et al.*, 2011).

Em estudo realizado com potros que presenciaram suas mães tendo boas relações com os tratadores, sendo acariciadas e alimentadas, verificou-se que os potros aceitaram facilmente o contato com humanos com duas semanas de vida e a maioria deles aceitou mais facilmente a colocação de manta sobre o dorso com um mês de vida (HAUSBERGER, 2008). Com estes potros também era facilitada a aproximação no piquete e o acariciamento por pessoas conhecidas ou desconhecidas. Estes resultados indicam que o potro é capaz de aprender sem nenhum estresse, por meio de boas práticas que visualizou serem realizadas em sua mãe. Sugerem, também, que uma relação positiva entre as mães e os humanos, observadas pelos potros, podem ser a chave para enfatizar a melhoria do manejo dos potros. Na Figura 12, observa-se o tratador realizando a escovação da mãe na presença do potro, uma experiência agradável para a égua.

Figura 12- Tratador escova a mãe na presença do potro



Fonte: Arquivo do autor (2018)

III - Acostumar o potro a ruídos, sons, presença de multidões, estímulos visuais, sem crueldade.

A dessensibilização é apontada por Christensen *et al.*, (2006) como a mais eficaz das formas para habituar cavalos a estímulos assustadores. Aumentar gradualmente a intensidade

do estímulo é mais benéfico que expor o animal a intensidade total. Uma abordagem voluntária também possui menos eficácia do que uma abordagem conduzida por reforço negativo (CHRISTENSEN, 2012). Embora o reforço negativo aumente os níveis de estresse, foi mais eficaz e facilitou a habituação nos estudos realizados por Christensen (2012). A habilidade do condutor e sua capacidade de manter a calma ao conduzir os cavalos são fatores que interferem nos resultados. Na imagem a seguir, (Figura 13), observa-se um treinamento realizado para cavalos utilizados em ações de distúrbios civis pela Polícia Militar de Santa Catarina. Os cavalos são colocados em grupo e os estímulos apresentados aumentam, com a presença de fortes ruídos, pessoas e fumaça. Conforme os resultados apresentados pelos animais são positivos a intensidade dos estímulos também é aumentada. Para a realização deste tipo de exercício são utilizadas duas técnicas mencionadas: dessensibilização e reforço negativo.

Figura 13 - Treinamento de cavalos da Polícia Militar de Santa Catarina para o emprego ações de controle em distúrbios civis



Fonte: Arquivo do autor (2019)

Outro método de habituação bastante utilizado é a presença de um cavalo mais experiente no treinamento. Na região Sul do Brasil, culturalmente, este cavalo é chamado de madrinha e tem como função demonstrar a tarefa ao cavalo inexperiente. Em testes realizados por Rorvang *et al.*, (2015) foi identificado um efeito calmante nesta prática. Os cavalos que

observaram cavalos mais experientes realizarem as tarefas, tiveram frequência cardíaca mais baixa do que aqueles que não puderam observar a execução da tarefa por outro cavalo. Christensen *et al.*, (2011) realizaram a exposição de vários objetos com cores e formas distintas, ao invés de um único objeto, como é comumente realizado na habituação. Os pesquisadores se mostraram otimistas quanto à técnica, conhecida como inundação, que foi aplicada com reforço positivo (recipiente com ração), obtendo bons resultados em poucas sessões.

IV - Atuar com pressão e alívio

Esta técnica é a base do reforço negativo amplamente utilizada no treinamento de cavalos. O reforço negativo consiste na subtração de um estímulo que resulta em uma mudança comportamental (COOPER, 1998). McLean (2005) ensina que o reforço negativo é geralmente utilizado quando o animal está em contato tátil direto com o treinador, como é o caso da montaria onde o treinador se vale do contato com as rédeas na boca do cavalo e a ação de suas pernas. No treinamento de cavalos, utiliza-se de forma majoritária o condicionamento operante caracterizado por tentativa e erro. O condicionamento operante se divide em dois fluxos de aprendizagem: reforço positivo e negativo. A principal técnica utilizada é a do reforço negativo. Como recomendava Xenofonte a pressão é retirada desde que o comportamento desejado seja manifestado, como forma de recompensa (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Em sentido prático, a pressão exercida pelas pernas do treinador é aliviada ao primeiro sinal de início de marcha pelo cavalo. O mesmo princípio é utilizado para ensinar o animal a parar; a pressão exercida pelo treinador nas rédeas vai aumentando até que o animal fique imóvel, momento este que é sucedido pelo alívio da pressão nas rédeas. Na Figura 14, a seguir, observa-se uma amazona que cede as rédeas em resposta à parada executada pelo cavalo.

Figura 14 - Amazona cede as rédeas em resposta ao comportamento desejado apresentado



Fonte: Syllas Jadach Oliveira Lima (2022)

É evidente que a má execução, que ocorre por falta de sensibilidade ou habilidade do treinador, pode gerar problemas nessa comunicação, causando dessensibilização aos sinais de pressão, tornando os cavalos menos responsivos a estes estímulos (FENNER *et al.*, 2019).

V - Não forçar o cavalo a enfrentar objetos desconhecidos, não chicotear ou bater, pois o animal associa o objeto à dor. Conduzir o cavalo suavemente e mostrar para ele o objeto.

Cavalos tendem a ter respostas de fuga frente a situações inesperadas. Os cavalos, por meio da habituação, podem aprender a memorizar objetos e situações que se mostraram inofensivas. Nesse contexto, mesmo diante de situações ameaçadoras que lhes causem medo, os cavalos aprendem a não empreenderem fuga quando montados ou presos. Gorecka *et al.* (2007) defenderam que relações de qualidade entre humano-equino podem reduzir a aversividade percebida de eventos traumáticos. Xenofonte estava correto quando afirmou que a punição agressiva deveria ser evitada em treinamento de habituação de cavalos com objetos novos. Na realidade, em todas as situações do treinamento se deve evitar uma punição violenta. Schmidek (2018), contudo, destaca que punição não é sinônimo de agressão. A punição é eficaz, porém deve ser aplicada no momento correto e os casos de excessos são um verdadeiro problema. Para sua eficácia a punição deve ocorrer um segundo, no máximo dois após a manifestação de um comportamento indesejado. Há sempre o risco de o animal realizar uma associação incorreta entre a punição e outro aspecto da situação. Um exemplo simples que demonstra isso é o dos cavaleiros que não conseguem acompanhar seus cavalos durante

qualquer um dos momentos do salto, seja na batida, no planar ou recepção, por ficarem sentados e não realizarem o gesto de salto (moverem seu tronco para adiante, para acompanhar o movimento de báscula que o cavalo realiza), e acabarem ocasionando um golpe na boca do animal devido a esse desequilíbrio, causado pela ação das rédeas que não foram cedidas para o cavalo realizar o movimento de báscula necessário. A repetição desses momentos incômodos e dolorosos pela imperícia do cavaleiro em fazer ceder sua mão e acompanhar o cavalo gera traumas e aversão ao salto. Da mesma forma, cavaleiros que agredem seus cavalos por não ultrapassarem uma barreira ou por não se aproximarem de um objeto podem causar aversão à barreira ou ao próprio objeto, devido à associação que o cavalo fez entre a punição recebida e a situação em si (WARAN *et al.*, 2002).

De outra forma, uma presença gentil do ser humano foi fator tranquilizador para cavalos que foram desafiados a explorar um objeto novo (GORECKA *et al.*, 2007). Além disso, os pesquisadores concluíram que a presença humana com manuseio gentil facilitou a abordagem dos cavalos ao novo objeto sem apresentarem resposta de estresse do sistema cardiovascular. A interação gentil com o ser humano foi decisiva para a abordagem do novo objeto, apoiando a ideia de que a qualidade das relações entre humanos e equinos é fator de promoção do desempenho nas atividades (GORECKA *et al.*, 2007). Na figura 15, observada a seguir, verifica-se uma potra saltando obstáculos, dessensibilizada quanto aos estímulos visuais presentes, seguindo o seu treinador sem a presença de equipamentos. Ela foi treinada dentro de uma abordagem não violenta, com apresentação gradual dos estímulos.

Figura 15 - Potra que passou por treinamento de dessensibilização salta obstáculos seguindo treinador na Polícia Militar de Santa Catarina



Fonte: Do autor (2020)

VI - Regra de ouro. Evitar treinadores que expressam raiva diante dos cavalos.

A manifestação do sentimento da raiva pode ocorrer de variadas formas. A raiva quando canalizada para agressões ou ações que resultem em sofrimento físico ou psicológico é, desde já, refutada não sendo de qualquer maneira aceitável nas relações com os cavalos. A aceitação da afirmação de que os cavalos são seres sencientes, torna a violência inaceitável em nossas inter-relações. É bastante provável que Xenofonte estivesse se referindo a um grau de violência que hoje causaria espanto em treinadores, a julgar pelo padrão de equipamentos utilizados em seu tempo. Contudo, a raiva humana influencia a percepção dos cavalos sob outros aspectos. Lansade *et al.*, (2021) identificaram que, por meio da fala dirigida a animais de estimação, cavalos responderam com mais atenção, calma e realizaram com maior eficiência uma tarefa que consistia em encontrar comida. Em pesquisa sobre a reação dos equinos frente a vocalização agressiva e positiva, cavalos ficaram paralisados e aumentaram o comportamento de vigilância ao ouvirem vocalizações não verbais de rosnados humanos que evidenciavam raiva (SMITH *et al.*, 2018). Os cavalos possuem ainda capacidade de discriminar diferentes expressões faciais e utilizá-las para regular interações sociais com seus coespecíficos (WATHAN *et al.*, 2016). Com os seres humanos parece ocorrer o mesmo, Smith *et al.*, (2016) conduziram estudo que revelou que ao visualizarem fotografias de um humano expressando raiva, cavalos tiveram um aumento na frequência cardíaca e viés de olho esquerdo, indicativo de percepção de estímulo negativo. Nakamura *et al.*, (2018) também correlacionaram essa capacidade dos equinos de identificarem diferentes expressões vocais e faciais e reagirem de forma diferente diante de expressões positivas e negativas. A regra de ouro estabelecida por Xenofonte encontra amparo científico, mormente, quando assumimos que as relações com os humanos criam memórias e, estas memórias, podem ser generalizadas para outros seres humanos (HAUSBERGER & MULLER, 2002; HENRY *et al.*, 2005; FUREIX *et al.*, 2009).

VII - Quando o cavalo faz o que deseja agrada-o; quando é desobediente castiga-o.

Essa afirmação norteia as relações com cavalos mesmo antes de Xenofonte e segundo Waran *et al.*, (2002) poucas mudanças ocorreram desde a domesticação dos cavalos.

Bons treinadores são claros e consistentes nos sinais que transmitem aos cavalos (MCGREEVY & MCLEAN, 2009). Punição é a apresentação ao cavalo de um estímulo que suprime o seu comportamento. O estímulo praticado em nome da punição pode ser desproporcional e muito maior do que o problema apresentado pelo cavalo (MCGREEVY & MCLEAN, 2009). Punição pode também ser uma resposta simplista a um problema e em alguns casos pode levar ao desamparo aprendido, que é a perda do controle ativo por parte do animal. Em desamparo aprendido o animal não tenta resistir aos estímulos aversivos e inevitáveis a que está sendo submetido (MCGREEVY & MCLEAN, 2009). É bastante improvável a possibilidade de treinar e montar cavalos sem que pressão seja exercida sobre eles, afinal a participação voluntária de cavalos em atividades que desafiam a sua própria natureza, embora relatadas por treinadores, carecem de comprovação. O treinamento incide justamente nisso, na supressão de comportamentos naturais indesejados e substituição pela formação de um novo comportamento desejado pelo homem (COOPER, 1998). A importância da questão está no grau de pressão e estímulos a que estão submetidos os cavalos. Qual o nível de pressão para uma equitação ética? (MCGREEVY & MCLEAN, 2009). Esse é um questionamento ainda sem resposta. Na imagem a seguir, (Figura 16) observa-se um treinador atuando com técnica de pressão e alívio, para que o cavalo ceda o pescoço para o lado interno do redondel, que ele indica com a pressão no cabresto. O chicote na sua mão esquerda é utilizado para que o animal mova a sua perna direita em direção à parede do redondel, ou seja, o pescoço se move para um lado e a garupa para outro. Na medida em que o animal realiza os movimentos solicitados pelo treinador as ações cessam, aliviando-se a pressão.

Figura 16 - Treinador atua com técnica de pressão e alívio – reforço negativo



Fonte: Arquivo do autor (2020)

Para que a punição tenha eficácia é necessário que seja aplicada logo após a manifestação do comportamento indesejado. Um exemplo muito eficaz é o das cercas eletrificadas. Após o toque na cerca eletrificada é inibido o comportamento do animal de tocar na cerca novamente. O problema é que neste caso o animal é um sujeito ativo do processo, possuindo algum grau de escolha. No caso da punição aplicada pelos seres humanos a possibilidade de escolha do animal é perdida e muitas vezes o treinador não possui sensibilidade ou habilidade suficientes para punir no exato momento e na moderação necessária, punindo excessivamente e com frequência desmedida, gerando, eventualmente, situação de desamparo aprendido, devido ao cavalo não entender como evitar o castigo (MILLS, 1998; HALL *et al.*, 2008).

O treinamento baseado na punição e recompensa, embora ainda bastante utilizado, possui o perigo, para o bem-estar dos cavalos, de potencializar os casos de desamparo aprendido, devido ao número elevado de estímulos aversivos e incontroláveis utilizados para punir o cavalo. Isso pode evidentemente levar a casos de agressão, falta de cooperação e situações perigosas que normalmente geram os casos de desperdício de animais por inservibilidade (ÖDBERG & BOUISSOU, 1999; HALL *et al.*, 2008; HAUSBERGER *et al.*, 2019).

Apesar de impactarem a história e serem redescobertos por mestres da equitação e treinadores em diversos períodos, estas máximas apresentadas por Xenofonte, na área do treinamento, carecem de aplicação integral até a época presente. Isso ocorre porque, os processos históricos e sociais não são conduzidos por indivíduos, mas sim por forças supraindividuais. As mudanças na sociedade, neste caso, na forma como nos relacionamos com os cavalos, não são fruto de ações individuais, por mais notáveis que sejam os indivíduos. Elas são fenômenos sociais, fruto da transformação dos agrupamentos de indivíduos (ELIAS, 1990). A soma dos indivíduos cria o espírito do tempo em que Xenofonte viveu.

O manual escrito por Xenofonte é muito antigo, traz consigo os limites da sociedade de seu tempo. As críticas sobre os conhecimentos apresentados em sua obra devem ser contextualizadas, as expectativas apresentadas com as lentes da ciência moderna podem ser frustradas. É evidente que Xenofonte não poderia atender precisamente, ou até superar

critérios éticos que a maioria dos treinadores do século XXI não conseguem atender. O seu potencial como indivíduo para a promoção de mudanças nessa área precisa ser relativizado, visto que indivíduos não possuem os meios necessários para realizarem mudanças estruturais na sociedade. A sociedade grega era profundamente mais violenta em suas inter-relações que as sociedades contemporâneas ocidentais, e não há evidências de que os animais tivessem um status superior ao conferido por nossa sociedade a eles.

4 CONCLUSÃO

A visão de Xenofonte para uma necessária observância do comportamento equino no sucesso para o treinamento; ou da criação de boas relações entre seres humanos e equinos, para um bom desempenho, parece ser inovadora e digna de destaque. Não parece forçoso afirmar que Xenofonte é o precursor do *horsemanship*. Das sete afirmações feitas pelo General grego em seu manual sobre o treinamento de cavalos, todas encontram amparo na ciência atual, conforme apresentado nos resultados. Esse olhar diferenciado, sensível e inovador para um tema tão importante nas relações com os cavalos é merecedor de destaque. A observância de todos estes princípios atualmente certamente resultaria em melhores relações entre as duas espécies envolvidas e com certeza haveria benefícios para o bem-estar animal.

CAPÍTULO II

O IMPACTO DA TRADIÇÃO NA BASE DE CONHECIMENTO QUE GUIA A ESCOLHA DO MÉTODO DOS PROFISSIONAIS DO CAVALO

RESUMO

Embora se tenha conhecimento que a tradição é um componente muito poderoso no meio equestre, e que isso influencie a forma como os treinadores ensinam os cavalos, não há muitos estudos que indiquem quais são as chaves de crença dos treinadores ou quais os fatores que indiquem a prevalência da tradição. Neste estudo foram feitas 30 entrevistas estruturadas com treinadores de cavalos, para se investigar o impacto da tradição na escolha dos métodos e técnicas de treinamento, assim como as chaves de crença dos treinadores. Três temas principais surgiram das entrevistas: formas de atualização das técnicas, o uso de equipamentos, e as expectativas do impacto do bem-estar animal nos métodos empregados. O principal elemento encontrado para a manutenção da tradição foi o aprendizado prático, baseado nas experiências individuais. Além disso, houve um importante componente hereditário e cultural, para a manutenção e transmissão das técnicas. Existia uma grande preocupação com o resultado do método no treinamento e uma crença na eficácia do método empregado. Apesar da crença quase infalível nos métodos a maioria dos entrevistados teve dificuldade para explicar em que se baseiam os métodos e apenas três entrevistados afirmaram conhecer a teoria de aprendizagem de equinos e estavam familiarizados com a teoria. Notou-se em alguns entrevistados mais tradicionais uma aversão ao bem-estar animal e receio de que sua forma de trabalhar esteja ameaçada pelos que defendem melhores relações humano-cavalo. Existe uma necessidade muito grande de cunho educativo, para que a ciência que já existe sobre o treinamento de cavalos chegue a esses profissionais.

Palavras-chave: Tradição. Treinadores. Equinos. Métodos.

ABSTRACT

Although it is known that tradition is a very powerful component in the equestrian environment, and that this influences the way trainers teach horses, there are not many studies that indicate what the trainers' keys to belief are or what factors indicate the prevalence of tradition. In this study, 30 structured interviews were carried out with horse trainers, to investigate the impact of tradition on the choice of training methods and techniques, as well as the trainers' keys to belief. Three main themes emerged from the interviews: ways of updating techniques, the use of equipment, and expectations of the impact of animal welfare on the methods used. The main element found to maintain the tradition was practical learning, based on individual experiences. In addition, there was an important hereditary and cultural component for the maintenance and transmission of the techniques. There was a great concern with the result of the method in training and a belief in the effectiveness of the method used. Despite the almost infallible belief in the methods, most respondents had difficulty explaining what the methods are based on and only three respondents claimed to know the equine learning theory and were familiar with the theory. It was noted in some more traditional interviewees an aversion to animal welfare and fear that their way of working is threatened by those who defend better human-horse relations. There is a great need for an educational nature, so that the science that already exists on horse training reaches these professionals.

Keywords: Tradition. Trainers. Horses. Methods.

1 INTRODUÇÃO

Os domadores de cavalos são comentados historicamente desde a antiguidade e sua profissão se perpetua até os dias atuais, muito fundamentada em conhecimentos ancestrais (WARAN *et al.*, 2002). As práticas tradicionais de doma e treinamento de cavalos possuem raízes na antiguidade e evoluíram muito pouco ao longo dos séculos. São baseadas na dominação e sujeição do animal e continuam a serem ensinadas e repassadas aos profissionais atualmente (COOPER, 1998; WARAN *et al.*, 2002; GOOWIN *et al.*, 2009; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017; RANDLE *et al.*, 2017). Desde a década de 70, tem havido um crescimento de métodos de treinamento baseados na observação do comportamento natural dos cavalos. A atual definição do chamado *horsemanship*, é baseada na parceria e na confiança, e apresenta um método que tem sido praticado e disseminado principalmente por treinadores americanos famosos na mídia mundial, como Monty Roberts e Pet Parelli. Uma das principais premissas deste método é a necessidade do treinador se tornar um líder do cavalo e o trabalho no redondel, que já era empregado por gregos e romanos. Desconhecemos a existência de estudos etológicos em eqüinos ou investigações de elementos específicos do treinamento que apoiem algumas interpretações dos adeptos deste método.

No âmbito da ciência da equitação, argumentam Randle *et al.*, (2017), que o objetivo da pesquisa tem sido examinar aspectos da prática equestre e equitação, com a finalidade de diferenciar o que na prática é aceitável ou inaceitável aos cavalos, sob a ótica do impacto negativo ao bem-estar causado aos cavalos. Diversos estudos científicos demonstraram a importância de formas mais eficazes de treinamento, o que contrasta com práticas tradicionais. Esse conhecimento com embasamento científico possibilita mudança das práticas que historicamente tem permeado as relações entre humanos e cavalos, especificamente no treinamento. Quando comparado com a absorção de informações tecnológicas o conhecimento científico sobre treinamento eficiente ainda é pouco aceito no treinamento de cavalos (MCLEAN, 2013). Em que pese todos os avanços da ciência da equitação o conhecimento parece ainda não fazer parte da prática de muitos indivíduos que se relacionam com os cavalos. Isto ocorre, segundo Salomon *et al.*, (1993), porque a tecnologia, entendida como progresso tecnológico e mudança técnica, é um processo social. Ela foge ao controle do ser humano somente na medida em que ele assim o deseja que ela o faça. Os costumes, as

tradições e os valores enraizados na vida diária de uma sociedade determinam a aceitação ou não da expansão de um novo conhecimento (SALOMON; SAGASTI; SACHS-JEANTET, 1993). Goodwin *et al.*, (2009) afirmam que apesar da longa história da equitação parece que progredimos pouco em nossas técnicas de treinamento. A maioria das técnicas atuais ainda se baseia nos métodos e equipamentos tradicionais usados por gregos e romanos (GOOWIN *et al.*, 2009).

É muito provável que estejamos ainda hoje seguindo uma tradição que remonta aos períodos do início das relações entre a nossa espécie e a dos equinos. A ótica da dominação e sujeição parecem ainda serem as métricas a serem buscadas no treinamento destes animais. Iniciativas individuais como a de Xenofonte, que trouxeram no decorrer desta longa história um olhar diferenciado, inovador e revolucionário, não prevaleceram. Isso pode ser verdadeiro, pois é possível que estejamos diante de uma estrutura social muito forte, conforme descrito por Elias (1990), de uma ordem invisível que rege nossas relações com os cavalos, há muito desenvolvida, que limita as ações e modos de comportamento individuais e de outros grupos mais frágeis. Os impactos da tradição e as chaves de crença para a escolha de metodologias destes profissionais foi o alvo da análise deste capítulo.

2 METODOLOGIA

Nesta seção será apresentada a metodologia utilizada para a realização do experimento do primeiro capítulo desta dissertação.

2.1 ANÁLISE DE DADOS DE TREINADORES DE EQUINOS NO SUL BRASIL

Nesta seção serão descritos os métodos de escolha dos participantes, a forma de realização das entrevistas e metodologia para análise dos dados coletados.

2.1.1 Escolha dos participantes

Os participantes da pesquisa (n=30) foram convidados por meio de pessoas ligadas ao meio equestre. Foram apresentados ao tema central da entrevista e consultados sobre sua

disponibilidade de tempo e interesse em participar voluntariamente da entrevista. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEPSH/UFSC), sob o n.º 46526121.8.0000.0121.

2.1.2 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas pelo autor de forma presencial entre os meses de junho a setembro de 2021, com a finalidade de coletar informações e fornecer respostas às seguintes premissas: 1 - é a ciência ou a tradição que guia os profissionais que trabalham com treinamento no meio equestre brasileiro? 2 - Quais são as chaves de crença do público que treina cavalo? 3 - Os profissionais que treinam cavalos se identificam entre: domador, *horsemanship*, professor/instrutor ou treinador? 4 - Os profissionais que treinam cavalos conhecem a teoria da aprendizagem de equinos?

As entrevistas foram realizadas com 30 treinadores, 26 do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Todos os entrevistados eram da Região Sul do Brasil e foram entrevistados em Santa Catarina. A entrevista continha nove perguntas abertas, relacionadas ao tema treinamento de equinos, descritas no Quadro 3.

Quadro 3 - Perguntas realizadas aos entrevistados

1 - Como o profissional se identifica entre: domador, <i>horsemanship</i> , professor/instrutor ou treinador?
2 - Teve formação específica formal ou informal para exercer a prática de treinador?
3 - Usa ou não equipamentos e por que os usa?
4 - Você usa técnicas conhecidas ou algum método que desenvolveu?
5 - Quais os métodos, técnicas e instrumentos que você utiliza?
6 - Você conhece a teoria da aprendizagem de equinos e está familiarizado com os seus métodos?
7 - Qual o seu critério de escolha para este e não de outros métodos, técnicas e instrumentos de treinamento de equinos?
8 - Você recorre a atualizações dos métodos de treinamento de equinos e suas fontes de busca para novas informações?
9 - Quais suas expectativas de resultados e impactos dos diferentes métodos sobre o bem-estar animal?

Fonte: Elaborado pelo autor

2.1.3 Análise dos dados

Foram empregadas análises descritivas seguindo metodologia de pesquisa qualitativa descrita por Bengtsson (2016). Inicialmente as entrevistas foram transcritas. De posse desses dados foi realizada a descontextualização, que consiste na decomposição do texto em unidades menores que respondem à pergunta estabelecida no objetivo da pesquisa: é o conhecimento científico ou a tradição que guia os profissionais que trabalham com o treinamento de cavalos? Para isso, as respostas foram analisadas e extraídas algumas partes da fala mais representativas dos entrevistados. Posteriormente foi realizada a recontextualização que se caracteriza por nova depuração do texto extraído e manutenção apenas de informações que se aderem ao objetivo. Para isso, fez-se uma confrontação do texto original transcrito com o material produzido na fase de descontextualização, comparando-se com o objetivo da pesquisa. Foram selecionadas nessa fase unidades de significado. Na sequência deste processo de análise de dados foi realizada a categorização dos profissionais em grupos, pelo posicionamento dos respondentes e realizado um agrupamento quanto ao conjunto de práticas, para depois identificar se as práticas se coadunam aos métodos declarados. Por fim, realizou-se a compilação que é o processo de análise e redação, onde se investigou a essência do fenômeno estudado, por meio de citações de unidades de significado e buscou-se um resultado lógico, correspondente à literatura existente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ENTREVISTAS COM TREINADORES DE CAVALOS DO SUL DO BRASIL

Os dados de caracterização demográfica e profissional dos participantes estão apresentados na Tabela 1. Eles indicam a predominância de profissionais do sexo masculino, uma elevada experiência profissional em anos de atividade e uma variação de raças utilizadas por parte dos profissionais entrevistados.

Tabela 1 – Dados demográficos dos 30 treinadores de cavalos entrevistados na região Sul do Brasil

Sexo	Nº	%
Masculino	26	86,6
Feminino	4	13,4
Experiência profissional		
Menos de 5 anos	1	3,3
Entre 6 a 10	4	13,3
Entre 11 a 15	2	6,6
Entre 16 a 20	5	16,6
Mais de 20	18	60
Principal raça de cavalos utilizada		
Brasileiro de Hipismo	6	20
Crioulo	10	33,3
Mangalarga	2	6,6
Quarto de Milha	12	40
Principais modalidades desenvolvidas		
Andamentos marchados	2	6,6
Hipismo clássico/salto/adestramento	6	20
Laço/adestramento do cavalo crioulo	9	33,4
Rédeas/tambor	12	40

Fonte: Elaborado pelo autor

I - Predominância do conhecimento tradicional

O conhecimento tradicional predominou nas respostas dos entrevistados, seja por terem aprendido a profissão com familiares, seja por se filiarem a métodos e técnicas tradicionais ou ainda por fazerem uma mescla de técnicas com ênfase para estas técnicas tradicionais. Esses resultados corroboram estudos realizados anteriormente (COOPER, 1998; WARAN *et al.*, 2002; GOOWIN *et al.*, 2009; LIMA, 2015; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017; RANDLE *et al.*, 2017; RICHARDSON *et al.*, 2020). Do total de respondentes (n=30)

apenas duas pessoas descreveram técnicas que se baseiam em conhecimentos etológicos. No geral, os treinadores entrevistados afirmaram que seu conhecimento era aprendido por observação, era prático e sem qualquer preocupação com algum embasamento teórico.

É possível falar até em certo desprezo para com o conhecimento formal ou científico, conforme apontam estudos (MCLEAN, 2013; RICHARDSON *et al.*, 2020). Nesse sentido, diante da escassez de materiais técnicos como manuais de doma, é de certa forma difícil para os pesquisadores compararem métodos e realizarem um escrutínio das técnicas com o conhecimento científico. Um entrevistado descreveu com saudosismo o seu aprendizado informal e tradicional: “*Tem muita coisa que eu aprendi com esses home velho.*” (E 2). Outro entrevistado afirmou que a base do conhecimento é mesmo prática: “*A gente vai vendo os outros e vai fazendo.*” (E 14). O ofício vai sendo aprendido na tentativa e erro: “*Às vezes a gente apanha porque não sabe nem o que está fazendo com o cavalo.*” (E 12). Esse costume prático e informal está relacionado às formas tradicionais conforme descrito por Lima (2015).

Outro entrevistado afirmou que os métodos, as técnicas e sua forma de trabalhar estão relacionadas à raça do cavalo e que isso define uma cultura: “*É cultural porque eu trabalho com Crioulo. Meu avô já trabalhava assim, eu fui fazendo cursos para ter o melhor resultado e tirar o melhor do animal.*” (E 8). Essa cultura está ligada a um fator regional, neste caso, a doma tradicional gaúcha, conforme descrito por um entrevistado: “*Porque eu venho de uma região do Sul que é desse tipo. É tradicional.*” (E 30). Fatores geográficos e culturais alteram a percepção de proprietários de cavalos quanto aos seus animais (LUNA *et al.*, 2017). De fato, essa cultura de imposição da força e submissão do animal à vontade do domador caracterizam a tradição de doma gaúcha (LIMA, 2015), mas não é exclusiva desta metodologia tradicional regional, encontrando semelhanças com outras formas tradicionais de doma (LATIMER & BIRKE, 2009).

Há quem faça uma mescla entre as técnicas tradicionais de doma e a doma racional ou ainda utilize outras metodologias de forma conjunta, alegando a criação de uma metodologia própria de doma. Isso esteve bastante presente nas entrevistas, pois 22 dos entrevistados afirmaram que desenvolveram metodologia própria ou mesclaram metodologias conhecidas. Uma das falas é bastante esclarecedora sobre esse tema: “*Fiz uma mescla na verdade. O dia a dia ensina muito e às vezes a gente inventa.*” (E 21). Os entrevistados pareciam muito à vontade quando afirmavam terem desenvolvido metodologias próprias, algo que pode indicar

uma tendência do mercado de cursos e clínicas que são baseadas nas experiências individuais de domadores e treinadores renomados pelos seus resultados em competições. A ênfase para as técnicas próprias também é um indicativo de que a base do conhecimento dos profissionais são suas experiências pessoais, algo já apontado por Richardson *et al.*, (2020). Entre aqueles que disseram que utilizam técnicas conhecidas a metade não foi capaz de descrever quais seriam essas técnicas, qual o embasamento para a utilização, quais princípios regeriam o trabalho ou descrever um passo a passo básico. Um entrevistado ao ser solicitado a explicar a sua metodologia respondeu: “*Eu sigo metodologias conhecidas como a do campeão mundial de rédeas que é guiar e guiar (dar direcionamento).*” (E 9).

Apesar de a maioria ter afirmado que realizou algum tipo de curso, há que se fazer uma ressalva sobre o que é considerado curso para os entrevistados. O mero repasse de algumas técnicas, ou correção de algum comportamento indesejado apresentado pelo cavalo, que dure dois dias, pode ser considerado nesse meio como um curso. Um entrevistado afirmou que procura o que dá certo quando busca alguma atualização e que “*Desde o começo esse aprendizado não se aprende em curso sabe? A gente aprende com o tempo.*” (E 3). Os profissionais de maior destaque no meio realizam cursos presenciais ou remotos. Quando presenciais estes cursos costumam ser eminentemente práticos e bastante curtos. A Universidade do Cavalo, instituição citada por alguns entrevistados já existe há 25 anos e segundo sua descrição em sítio oficial está voltada para ser: “[...] *uma escola livre, no sentido de que abrange o universo do cavalo como um todo, através de cursos rápidos, cursos de média e longa durações. A UC, portanto, não é uma universidade formal.*” Em cursos presenciais pesquisados na Universidade do Cavalo encontramos dentre alguns o curso de horsemanship – equitação, trabalho de chão e a vida dos cavalos; e o programa de capacitação de domadores, contendo a seguinte descrição:

“[...] é um programa intenso, diário, de muita responsabilidade. Vamos iniciar potros reais trazidos pelos alunos como enviados por Haras parceiros; muito mais do que técnicas de iniciação, iremos viver os potros. Não é um curso “encaixotado” somente em técnicas. Vamos viver a necessidades e tudo o que os potros nos apresentam ao logo do período. Por isto, se você é preocupado com técnicas rápidas, este não é um programa para você”¹.

¹ <https://uccavalo.com.br/cursos/programa-de-capitacao-de-domares/> > acesso em: 22 de maio de 2022.

Esta descrição reforça as falas dos entrevistados de que esse é mundo prático, um mundo informal, onde o domador aprende com o cavalo e vice-versa, e que o tempo faz o profissional com seus erros e acertos. A informalidade perpassa a formação dos profissionais, e incide também na regulamentação da profissão de domador/treinador que não existe no Brasil e parece ser a realidade da maioria dos países, conforme Fowler *et al.* (2015). Um entrevistado destacou após ser perguntado se teve formação específica formal ou informal para exercer a prática de treinador: “*Informal, porque não tem uma regulamentação do ofício.*” (E 20).

A vivência prática é basicamente a essência da tradição e foi exposta por diversos entrevistados conforme veremos: “*Eu aprendi com os domadores regionais, o cara ia pra casa deles e aprendia.*” (E 24): “*Aprendi com meu pai, que foi um grande domador e vendo amigos do meu pai.*” (E 3): “*Meus bisavôs já eram domadores. Aprendi com a minha família e essa é a minha essência.*” (E 6). Um terço dos entrevistados afirmou ter aprendido o ofício com familiares.

Como já afirmado, esse tradicionalismo não é relacionado exclusivamente a uma cultura, como se poderia pensar da tradição gaúcha. É característico de comunidades rurais tradicionais onde o conhecimento é experiencial e é incorporado com trabalho árduo, geralmente transmitido ao longo das gerações como um aspecto da vida familiar. A afinidade com os cavalos na cultura tradicional é frequentemente descrita como herdada, passada pelo sangue (LATIMER & BIRKE, 2009). Esse conjunto de fatores que a tradição traz consigo, imbricando fatores emocionais fortíssimos como laços familiares, geografia, e cultura, tornam a memória e a aprendizagem desenvolvidas neste ambiente muito mais consolidadas e rememoradas pelo sujeito. Isso porque o componente emocional no processo de ensino é um componente muito poderoso (BEZERRA; GUSMÃO; FERMOSELI, 2017).

Entre os profissionais que não informaram sobre a realização de cursos quatro se autodeclararam domadores e os outros cinco treinadores. No total, a maioria se autodeclarou domador, seguido por treinador, *horsemanship* e professor/instrutor, conforme Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – Como se autodeclararam os profissionais

Profissional	Nº
Domador	18
Treinador	10
<i>Hosemanship</i>	1
Professor/instrutor	1

Fonte: Elaborado pelo autor

O termo domador esteve mais relacionado àqueles que expressaram técnicas e metodologias próprias da doma tradicional gaúcha, com a utilização do cavalo Crioulo, já os treinadores foram aqueles que se referiram aos conceitos de doma racional e atividades que envolvem o cavalo Quarto de Milha. Da análise dos termos podemos observar que a palavra doma possui um conceito de violência inserido, pois o dicionário traz a palavra doma como sendo relativa a amansar à força; vencer; refrear; conter-se; dominar-se. Já no que se refere ao termo treinar temos: ensinar ou aprender determinada tarefa, ação ou prática². A relação exposta na doma é de poder e controle. A menção de Foucault (1999) aos corpos úteis, no contexto das reações entre os seres humanos, pode ser transportada para a relação entre humanos e equinos. Os corpos úteis neste contexto são os corpos dos cavalos que se adaptam ao treinamento, aqueles que se submetem à disciplina. As disciplinas são métodos que possibilitam o controle dos corpos, o meio que permite a produção do resultado desejado que é a docilidade e a submissão.

É possível perceber uma mudança no discurso entre aqueles que se dizem domadores e os que se declaram treinadores. Os autodeclarados treinadores se apresentaram, de maneira geral, mais preocupados com uma forma de doma racional, o que demonstra certa influência do *natural horsemanship*. Os treinadores se colocaram em oposição em alguns momentos às formas de doma tradicional, como descrito por Latimer & Birke (2009), por se posicionarem como oposição à tradição. Ambos reivindicam certa superioridade moral e técnica, insistindo que são os seus métodos que funcionam. Isso é perceptível na fala de um entrevistado: “O impacto que está acontecendo é que algumas formas de domar vão acabar. Não tem cliente. Animal todo comido na espora, animal com medo de apanhar, tem cara que o animal quebra

² <https://dicionario.priberam.org/> >acesso em: 13 de maio de 2022.

um cocho de água e o cara quebra o pau. Isso vai acabar essa coisa de gauchão de que o cavalo comigo faz e com o proprietário não faz nem a metade, isso vai acabar. Quarto de Milha não se compara ao Crioulo, é mais inteligente. Não tem gaúcho domando Quarto de Milha, porque o Crioulo aguenta o pau e o Quarto de Milha vira o fio.” (E 9).

Embora tradicionalmente os entusiastas do *natural horsemanship* se apresentem como sempre aprendendo, com a visualização de vídeos, leitura de material técnico e atendimentos em clínicas, conforme descrito por Latimer & Birke (2009), nesta pesquisa metade dos autodeclarados treinadores não informaram sobre a busca por atualização, o que não significa que não se atualizem, porém indica que não dão grande importância ao tema. Existe ainda uma preocupação em ressignificar equipamentos e passar uma ideia de que as coisas são mais naturais em seus métodos, como expuseram (LATIMER & BIRKE, 2009). Um entrevistado adepto de técnicas de *horsemanship* declarou: “*A minha primeira monta é no pelo.*” (E 10). Esse mesmo entrevistado disse em outro momento da entrevista: “*O pessoal olha as minhas esporas e acha demais, mas eu sei usar.*” (E 10). Em outra entrevista, no mesmo dia, um profissional informou que havia recebido um cavalo deste treinador e que o animal teria vindo todo “picado” nas esporas, ou seja, todo marcado pelas esporas que o treinador afirmou saber usar.

II - Atualização das técnicas utilizadas pelos entrevistados

Quanto à atualização das técnicas quatro entrevistados disseram que não procuram atualização. A principal forma de atualização entre os profissionais da doma é a presencial, seguida pela internet (Tabela 3).

Tabela 3 – Principal meio relatado de atualização das técnicas

Formas de atualização	Nº
Presencial	17
Vídeos/internet	7
Não se atualizam	4
Outras formas	2

Fonte: Elaborado pelo autor

Essa alta tendência por cursos presenciais pode indicar de que os profissionais procuram reforçar o conhecimento que já possuem, e se preocupam em buscar os profissionais de destaque do meio. Em realidade não há uma preocupação genuína em buscar um conhecimento novo, mas apenas aprimorar aquilo que já conhecem. Por esta razão, algum conhecimento amparado no que a ciência já comprovou, ou que enseje em uma ruptura com o que é sabido, pode ser percebido como contraproducente. Embora seja uma afirmação forte e pessimista parece ser a realidade do meio. Sobre a atualização do método de treinamento um entrevistado explicitou uma ideia que reforça o que foi dito anteriormente: *“procuro observar o pessoal que tá na ponta, ganhando, os melhores. Tento lapidar para ver se me ajuda.”* (E 21). Em outra fala é possível perceber a resistência às novidades que comentamos, e de certa forma, o desinteresse: *“Tento não ver muito curso on-line porque começa a confundir. Tu não pode ficar muito no tentar, porque equitação só existe uma, eles inventam métodos. A postura em cima do cavalo, o jeito de botar o pé no estribo, onde tu tem que botar a mão na rédea, o jeito de segurar a rédea, a equitação é uma só.”* (E 1).

Quando perguntados sobre a teoria da aprendizagem de equinos apenas três profissionais afirmaram conhecer sobre o assunto, o que não significa que apliquem os princípios da teoria. Esses resultados são semelhantes aos encontrados por (WARREN-SMITH & MCGREEVY, 2008; BORNMANN 2016; PEARSON *et al.*, 2021). Ainda em 1998, Cooper afirmou que os treinadores não dominavam a teoria da aprendizagem, ao que parece isso não mudou, pelo menos entre os entrevistados deste estudo. Em estudo com treinadores de cavalos de corrida, Richardson *et al.*, (2020) concluíram que embora existam princípios já bem-sucedidos definidos pela ciência, eles são vistos com ceticismo. Na presente pesquisa muitos afirmaram que conheciam e que aplicavam a teoria no treinamento dos cavalos, contudo se limitaram apenas a apresentar o conceito de pressão e alívio, caracterizado por ser uma técnica de condicionamento operante de reforço negativo. *“Nem sei, uso descanso e recompensa. Quando o cavalo erra persisto até acertar.”* (E 5): *“Utilizo, eu reforço naquilo que ele precisa. Ele aprende por repetição. Ele faz pra mim eu agradeço e paro o trabalho.”* (E 8). Apesar de os entrevistados não saberem a teoria por trás da técnica, sabe-se que a técnica relatada, de pressão e alívio, considerada como reforço negativo é amplamente utilizada no treinamento de equinos e possui grande eficácia (COOPER, 1998; MCLEAN, 2005; CHRISTENSEN, 2012; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017).

As respostas foram se tornando óbvias: “*Eu procuro usar o método da recompensa, e punir também. O cavalo não obedece ponho pressão de mão e perna; se fez certo, eu cedo. Não dá para trabalhar o tempo todo sem pressão, e não dá para trabalhar só na pressão.*” (E 17). Pearson *et al.*, (2021), em estudo com médicos-veterinários, afirmaram haver uma falta de compreensão sobre a teoria da aprendizagem de equinos, apesar de os participantes da pesquisa terem relatado possuir conhecimento razoável sobre o tema. Existe uma carência muito grande nessa área e é algo que pode ser suprido com campanhas formativas de caráter técnico profissional. O conhecimento científico já existente precisa ser apresentado a estas pessoas, pois estes saberes contribuem para o bem-estar dos cavalos.

III - Sobre a utilização de equipamentos

Todos os entrevistados afirmaram utilizar algum tipo de equipamento para domar/treinar cavalos. Todos disseram que utilizam equipamentos para controle, sejam embocaduras (freios e bridões), *sidepulls* ou *hackmores*. O mau uso de equipamentos já foi associado ao desenvolvimento de problemas comportamentais (Hockenhull & Creighton, 2012). Em outro estudo Merkies *et al.*, (2017) afirmaram haver equívocos quanto a utilização de equipamentos por parte de praticantes e profissionais no Canadá. Empregar equipamentos para controle ou para criar estímulos aversivos requer conhecimento e responsabilidade por parte do profissional, para garantir que o equipamento não cause dor ou estresse no animal (HILL *et al.*, 2015).

O treinamento de cavalos é uma prática antiquíssima que remonta o período da domesticação destes animais há aproximadamente seis mil anos. As técnicas e equipamentos empregados para o treinamento evoluíram pouco desde então. (WARAN *et al.*, 2002; HENDRIKSEN e al., 2011). Segundo classificação adotada por Johnson & Wynne (2022), em artigo sobre o perfil de treinadores de cães nos Estados Unidos, pode-se dividir os profissionais em dois grupos: aversivos e não aversivos. A classificação se baseia nos princípios do condicionamento operante de Skinner. Os aversivos seriam aqueles que utilizam punição positiva para estabelecer dominância e os não aversivos aqueles que baseiam o seu trabalho em técnicas de reforço positivo. Os treinadores moderados ou equilibrados também são classificados como aversivos por mesclarem os princípios.

Trazendo esta classificação para esta dissertação podemos afirmar que todos os profissionais entrevistados se adéquam ao conceito de profissional aversivo, visto que nenhum dos profissionais entrevistados afirmou deixar de aplicar punição positiva durante o ensino. Além disso, a necessidade de domínio sobre o animal resta evidente em muitas das entrevistas. Nas palavras de um entrevistado, o controle é o sentido básico que se busca na equitação: *“Eu busco o controle do cavalo, pois se deixar ele totalmente solto não dá pra demonstrar o que a gente tá pedindo, o cavalo não reconhece”*. (E 28). Essa afirmação sobre a necessidade de controle no processo de doma está de acordo com o que Foucault (1999) afirma ser o processo de controle absoluto dos corpos, que passa a ser exercido com coerção sem folga, sobre os movimentos, gestos e atitudes, para tornar os corpos dóceis e úteis por meio da força.

Apesar de muitos terem mesclado ou até supostamente terem inventado metodologias conforme afirmaram durante as entrevistas, em meio ao processo de ensino, o cavalo supostamente tem que dizer o que quer ao profissional. Essa fala aparece em mais de uma oportunidade: *“Tudo tem um degrau e começa suave, quem vai dizer é o cavalo”*. (E 12). Nesse mesmo sentido outra fala que evoca a responsabilidade do cavalo durante a aprendizagem: *“Depende do que o bicho demonstra. Tem dos que tá melhor para trabalhar no bridão, tem dos que tem que quebrar e uso o freio”*. (E 23). O cavalo nesse sentido se torna um ser ativo, que supostamente dialoga com o humano e solicita este ou aquele equipamento, a depender do seu temperamento, ou da sua vontade. Apesar de os profissionais julgarem que o cavalo é detentor de uma grande inteligência, a ponto de se rebelar ou não cooperar com os equipamentos utilizados, essa inteligência é desconsiderada em não havendo compreensão no processo de aprendizagem, dando lugar à punição. O foco parece estar relacionado em subjugar a vontade do animal, na dominância do equino, para um emprego muitas vezes condenável do ponto de vista ético. Há entrevistados que entendem que o equipamento é uma forma de comunicação que os cavalos entendem: *“O equipamento dentro do que eu penso, na linguagem do cavalo é um facilitador da comunicação”*. (E 27). Apenas dois entrevistados afirmaram não utilizar chicote. Nesse sentido, que equipamento seria indevido? Não há nada que não possa ser utilizado por mãos experientes, afinal o cavalo tem que confiar na gente, como disse um entrevistado. Outro exemplo foi expresso dessa forma: *“Podemos usar tudo sabendo usar”*. (E 7). Não tem esse negócio de ferramenta braba como disse outro

profissional, o que existe é o objetivo final que é ter o cavalo obediente. Os fins parecem justificar os meios. Por fim, o abuso e o cinismo se revelam: “*Não tenho prazer nenhum em espancar, em derrubar, se precisar eu uso maneiá, eu uso de tudo, só que tem bicho que se não for assim tu não doma.*” (E 2). As falhas no manejo ou treinamento quando não são resolvidas criam um círculo vicioso (FENNER *et al.*, 2020).

IV - Expectativas de impactos do bem-estar animal nos diferentes métodos

No que se refere às expectativas dos profissionais ao impacto do bem-estar animal nos diferentes métodos existentes alguns profissionais teceram críticas ao bem-estar animal e outros disseram concordar com as melhorias que o bem-estar tem trazido aos diferentes métodos. Nenhuma entrevistada realizou comentário negativo ao bem-estar animal, corroborando os estudos que indicam que as mulheres são mais empáticas (VOIGT *et al.*, 2016; HÖTZEL *et al.*, 2019). Algumas das críticas evidenciam que as práticas dos profissionais estão em desacordo com as demandas do bem-estar animal e, portanto, são conflitantes. Um dos entrevistados afirmou: “*Tem muita gente se prevalecendo, tem muito babaca no meio dessa coisa assim. Porque quem entende do animal, tu tem que entender como ele pensa, não que ele é igual a um humano, que ele é um filhinho, ele é diferente*” (E 2). Infelizmente a fala não está alinhada à importância da consideração da etologia do cavalo, crucial para o sucesso no treinamento, apesar da afirmação de que devemos entender como ele pensa (MCGREEVY & MCLEAN, 2007). As divisões entre humano e não humano expostas pelo entrevistado expressam ideias muito específicas quanto à hierarquia, a tradição e a dominância do ser humano em relação ao cavalo. A necessidade de diferenciar o cavalo do homem em sua fala, como outro ser, e não contribui para instituir uma moral e uma política que incluam o cavalo no rol de animais que possuem direitos, como apontado por (LATIMER & BIRKE, 2009). As atitudes quanto ao bem-estar dos cavalos influenciam em como as pessoas fazem o manejo e tratam os seus cavalos (HÖTZEL *et al.*, 2019). Essa repulsa manifesta contra o bem-estar animal também indica que os profissionais começam a sentir o efeito da ausência da chamada licença social para operar (FENNER *et al.*, 2020). Licença social para operar seria a confiança da sociedade, da comunidade, no trabalho destes profissionais, que estariam perdendo legitimidade por não atenderem às expectativas éticas da

sociedade na qual estão inseridos. Há quem veja no bem-estar uma ameaça à continuidade das práticas tradicionais: “*Deveriam estudar mais e ver o dia a dia como funciona. Deveriam interagir mais. Aconteceu de um cavaleiro perder uma prova por uma gota de sangue. O cavaleiro já tinha uns quarenta e poucos anos de idade, quando ele vai ter uma chance dessas novamente? O cavalo vai se acabar na Ilha.*”³ (E 30). Nas últimas quatro décadas tem havido um crescimento de métodos de treinamento baseados no comportamento natural dos cavalos (HENSHALL & MCGREEVY, 2014). Atualmente, técnicas que não passaram pelo escrutínio da ciência são questionadas e a busca por métodos que observam a etologia do cavalo, a forma como aprendem e sua disposição comportamental são tendências (MCGREEVY & MCLEAN, 2007; STARLING *et al.*, 2016; MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Tudo isso tem sido observado na tentativa de se criarem melhores relações, acelerar o treinamento e trazer bem-estar ao cavalo (MCLEAN & CHRISTENSEN, 2017). Os esforços para melhorar a vida dos animais são indubitavelmente válidos. Outros profissionais reconhecem isso e tecem críticas aos praticantes de metodologias mais tradicionais: “*O pessoal tem que abrir os olhos. O Quarto de Milha já melhorou, mas o Crioulo tá muito bruto ainda.*” (E 17): “*Os crioulistas e pessoal do Mangalarga tem que evoluir muito. Já vi esse pessoal amarrando cavalo para ferrar, coisa terrível de se ver.*” (E 18): “*Quem rompeu com o tradicionalismo vai tendo resultado.*” (E 15): “*Meu pai era do sistema antigo (tradicional campeiro). Hoje se for domar desse jeito passa fome.*” (E 9).

A visão de alguns profissionais está voltada para o resultado em competições e os benefícios que o cuidado com o animal pode trazer, conforme este exemplo: “*de um modo geral o bem-estar a nível de confederações está presente e os resultado têm sido uniformes. Os animais trabalham mais à vontade, eles agradecem.*” (E 25). Em outra fala é possível verificar a mesma preocupação: “*Na medida em que as pessoas querem competir e vencer tem que melhorar o manejo, melhorar o tratamento do animal.*” (E 4). Essas falas estão em consonância a uma crença tradicional de que o bem-estar se caracteriza apenas pela atenção às necessidades físicas do animal, desconsiderando o importante componente psíquico e encontram amparo no trabalho de Voigt *et al.*, (2016) que apontaram para uma lacuna em uma

³ O entrevistado se referiu à parte insular da cidade de Florianópolis-SC.

visão holística do bem-estar animal, em competidores de cavalos para exposição nos Estados Unidos.

V- Razões para mudar

A dificuldade para que ocorra uma mudança foi exposta por alguns entrevistados. As principais razões apresentadas foram o receio de sair de uma zona de conforto e a cobrança dos proprietários por resultado em pouco tempo de trabalho. Quanto aos que vêm como necessária a modificação das práticas, foram expostas as seguintes razões: melhora do resultado em competições e nocividade de algumas práticas atuais. Uma dificuldade exposta para a mudança foi a ausência de fiscalização da profissão.

Algumas dessas motivações foram discutidas por Lord (2019), para quem a zona de conforto baseada nas crenças tradicionais dos profissionais é justificada com argumentos que refletem que seus protocolos funcionam, são testados e aprovados. No caso da pressão exercida pelos proprietários, relatada por um entrevistado, elas são segundo Lord (2019) típicas de uma cultura tradicional que entrega aos cuidados de um profissional a educação do cavalo, porque é assim que as coisas devem ser feitas, há uma sensação de alívio para o proprietário em saber que o cavalo estará seguro, que aprenderá com alguém que tem condições para ensiná-lo e que isso será feito em menos tempo. As falas são elucidativas a esse respeito: *“quando tu tem um método e te apresentam outro, tu tem receio de sair da zona de conforto, de sair daquilo que tu se garante e consegue fazer, pra ir naquele que tu tem certeza se vai dar certo e como eu lido com cavalo de cliente, e se dá errado?”* (E 1). Outro entrevistado apontou problemas na relação entre os profissionais que atuam no treinamento e seus clientes: *“Às vezes os problemas acontecem porque os proprietários querem que a gente apure os cavalos no treinamento.”* (E 22).

Para alguns o principal argumento levantado para a melhoria dos processos de treinamento estava relacionado ao resultado em competições, demonstrando mais uma vez o aspecto tradicional de sua visão: *“Na medida em que as pessoas querem competir e vencer tem que melhorar o manejo, melhorar o tratamento do animal.”* (E 4). Ainda sobre o tema competições um profissional descreveu a mudança percebida: *“Era muito pegado, mudou, ficou mais leve. Os bichos mais calmos, mais fortes, mais preparados. Mudou bastante*

coisa.” (E 21). Na esfera do esporte, assunto bastante presente nas entrevistas, há uma grande transdisciplinaridade, visto que em torno dele existe uma verdadeira trama de relações que se desenvolvem. O sucesso no esporte, por exemplo, pode alavancar a carreira de um treinador, que passa a ensinar as suas técnicas e métodos de sucesso aos demais treinadores, o que foi afirmado por entrevistados que disseram ser esse o referencial que buscam quando procuram por atualização. Temos, portanto, a questão do ensino fundamentada nos resultados do esporte. Além disso, há o investimento em genética, na medicina, nas instalações e nos cuidados com os animais. Os entrevistados entenderam isso como algo positivo. Há também uma questão ética no uso compulsório de animais que possuem pouca ou nenhuma consciência desse emprego (DASHPER, 2017). Existem vários casos de abuso e de exploração no esporte (MCLEAN & MCGREEVY, 2010). A competição pressupõe vencidos e vencedores, não havendo consciência, não havendo responsabilidade pelo resultado, havendo expectativas humanas frustradas, qual o resultado desta parceria? Descarte.

Um entrevistado percebeu como positivas as melhorias trazidas pelo bem-estar e afirmou a necessidade de regulamentação da profissão: *“Depois que comecei a deixar mais solto, tudo é manejo, tudo melhorou. Alguns métodos terão problemas com essa questão do bem-estar. Tem que fazer uma carteirinha de instrutor habilitado.”* (E 12). Outro profissional trouxe a temática da necessidade de fiscalização da atividade: *“Isso é muito difícil para gente ver, porque a gente não tá no dia a dia e não tem fiscalização. A doma, a parte de iniciação com o cavalo é muito importante, se ele teve um episódio de agressão com o ser humano que ele ficou muito chateado ele vai levar isso para o resto da vida dele como uma espécie de uma desconfiança, eu diria uma mágoa com os humanos.”* (E 26). Não há ainda no Brasil regulamentação da profissão de treinador e mesmo a fiscalização de práticas cruéis ou nocivas aos animais é deficitária. Analisando a atividade de outro tipo de profissional do cavalo, o ferrador nos Estados Unidos, Lord (2019) afirmou que não existe regulamentação da profissão e não se exige qualquer grau de proficiência para alguém exercer a atividade após a realização de cursos curtos com pouca noção de anatomia e estruturas ósseas.

As razões para uma mudança expostas nos depoimentos apontam para uma visão essencialmente tradicional. É bastante provável que estas razões e preocupações estejam alinhadas com a preocupação de manutenção dos métodos tradicionais. Alguns profissionais já enxergam a improvável continuidade das práticas tradicionais em breve e estão tentando

reinventar suas práticas. Essa é uma tendência apontada por Lord (2019). O que também pode estar ocorrendo é a hibridização das formas de treinar os cavalos, com os profissionais se apropriando de conceitos do bem-estar animal a fim de legitimar a tradição. Os depoimentos em sua maioria não apontam para uma visão natural da equitação onde o cavalo é visto como parceiro, porém a necessidade que está sendo imposta pelo mercado os obriga a revisarem seus métodos, a fim de que o bem-estar dos cavalos possa ser mais bem observado.

Tudo isto na realidade está imbricado, os profissionais sejam eles pouco ou muito qualificados, detentores de uma formação profissional reconhecida ou meramente prática e hereditária, todos, sem exceção, fazem parte de uma teia social, que possui uma ordem e regularidade muito poderosas (ELIAS, 1990). Nesse mesmo tecido podem ser inseridos os consumidores e a sua ânsia por melhores relações, por tratamento gentil, mas que na realidade estão interessados no objetivo único de dominação, afinal, se o treinamento não produzir um animal útil ao esporte, ao lazer ou ao trabalho, que serventia possuirá?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto da tradição foi percebido de forma muito evidente nos resultados desta dissertação. Seja na utilização de equipamentos e na razão pura e simples do controle para utilizá-los; nas técnicas aprendidas e herdadas de antepassados; na dificuldade de expressar e explicar os métodos empregados; no desconhecimento quase que total da teoria da aprendizagem de equinos; nas formas de atualização de conhecimentos, que basicamente reforçam os conhecimentos já aprendidos, sem nenhuma preocupação com o conhecimento etológico ou científico; nos critérios de escolha dos métodos puramente pautados num pretenso resultado, e até nas expectativas bastante rasas quanto ao bem-estar sobre os métodos. Sobre tudo isso a tradição impera, o que não é positivo para as boas relações humano-cavalo e para o bem-estar dos animais.

O conhecimento científico desenvolvido nos últimos anos ainda não chegou a estes profissionais. Isso ocorre por diversos motivos, tais como desinteresse em atualização, crenças errôneas na eficácia do método empregado, defesa de uma cultura e tradição que o método traz consigo, medo de aceitar algo novo e não obter sucesso, e sobretudo, desconhecimento. Mesmo aqueles que se propõem a realizar cursos e buscaram conhecimento

novo, estão na verdade, andando em círculos, bebendo das mesmas fontes de onde aprenderam, sedimentando o conhecimento que já possuem, se aprimorando em detalhes, sendo nutridos por aqueles que já alcançaram alguma notoriedade, por realizarem as coisas do jeito “certo”, por obterem o tão citado resultado.

Esse mundo prático, informal e de pouca preocupação genuína com bem-estar dos cavalos é hegemônico. Ele é fruto de um processo mais amplo, de continuidade de uma mentalidade que traz no processo de ensino a necessidade de tornar útil por meio da força. A seleção das técnicas e métodos feita pela tradição ocorreu em detrimento do bem-estar. As metodologias podem divergir, os termos podem mudar, os discursos se alteram e se alternam, a lógica da competição entre os métodos aparece, mas o que não se esconde é a relação de controle entre um indivíduo racional ativo e outro irracional e passivo, que possui pouca ou nenhuma liberdade de escolha em todo o processo.

É possível que um dia estas relações se alterem, porém será necessária uma mudança fundamental no eixo destas relações. Para isso, os padrões morais da sociedade ocidental precisam ser alterados. A moral tradicional herdada precisará ser revista, para a admissão de uma ética mais inclusiva, mais igualitária, que respeite as características que nos unem a todos como indivíduos sencientes: a capacidade de sentir a dor e o sofrimento. Este debate precisa ser aprofundado na sociedade, e impostos tantos limites à liberdade dos humanos, quanto seja necessário, para que os cavalos sejam reconhecidos como sujeitos com um valor inerente por sua natureza e não como objetos das quais podemos dispor com total liberdade.

5 CONCLUSÃO

O conhecimento tradicional é o que ainda impera na formação de treinadores/domadores de cavalos e mudanças no sentido da profissionalização baseada em todo conhecimento científico já alcançado sobre aspectos psicológicos e fisiológicos dos cavalos e que leva em consideração o bem-estar do animal exigirá tempo e perseverança, pois muitos paradigmas tradicionais e enraizados culturalmente nos profissionais da área precisam ser quebrados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. **Equitação: como e porquê**. Lisboa: Dinalivro, 2011.
- ANDERSON, J.K. **Ancient greek horsemanship**. Berkeley and Los Angeles: Unisersity of California Press, 1961.
- APOSTOLIDIS, A. P. *et al.* Comparison of greek breeds of horses using RAPD markers. **Journal of Animal Breeding and Genetics**, v. 118, n. 1, p. 47-56, 2001.
- ARISTÓTELES. **A política**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ARISTÓTELES. **História dos animais: Livros VII-X**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.
- AZOULAY, V. **Exchange as entrapment: mercenary Xenophon?**, p.89-304 in FOX, R.L.; *The Long March: Xenophon and the Ten Thousand*, Yale University Press, 2004.
- BENGTSSON, M. How to plan and perform a qualitative study using content analysis. **Nursing Plus Open**, v. 2, p. 8–14, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.npls.2016.01.001>> Acesso em 15 fev. 2022.
- BEZERRA, M.G.C.E; GUSMÃO, J.E.L.S.; FERMOSELI, A.F.O. A importância da emoção no processo de consolidação da memória e da aprendizagem. **Ciências Biológicas e de Saúde Unit**, v.4, p.57-68, 2017.
- BIRKE, L. “Learning to speak horse”: the culture of “natural horsemanship”. **Society and Animals**, v.15, p. 217-239, 2007.
- BIRKE, L. Talking about horses: control and freedom in the world of "natural horsemanship. **Society and Animals**, v, 16, p. 107-126, 2008.
- BOOT, M; MCGREEVY, P.D. The X files: Xenophon re-examined through the lens of equitation Science. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 8, p. 367-375, 2013.
- BORNMANN, T. Riders’ perceptions, understanding and theoretical application of learning theory. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 15, p.79-80, 2016.
- CAMP, J. M. **Horses and horsemanship in the athenian agora**. The American School of Classical Studies At Athens, 1998.
- CARDOSO, C; VON KEYSERLINGK, M.; HÖTZEL,M.J. Brazilian citizens: Expectations regarding dairy cattle welfare and awareness of contentious practices. **Animals**, v.7, n. 12, p.89, 2017.

- CASTEJON-RIBER, C., RIBER, C., RUBIO, M.D., AGÜERA, E., MUNOZ, A. Objectives, principles and methods of strength training for horses. **Journal of Equine Veterinary Science**, 2017. Disponível em: <<https://doi:10.1016/j.jevs.2017.04.011>> Acesso em 20 abr. 2020.
- CHRISTENSEN, J.W.; RUNDGREN, M.; OLSSON, K. Training methods for horses: habituation to a frightening stimulus. **Equine Veterinary Journal**, v. 38, p. 439-443, 2006.
- CHRISTENSEN, J.W., ZHARKIKH, T., CHOVAUX, E. Object recognition and generalisation during habituation in horses. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 129, p. 83-91, 2011.
- CHRISTENSEN, J.W. Object habituation in horses: The effect of voluntary vs. negatively reinforced approach to frightening stimuli. **Equine Veterinary Journal**, v. 45, p. 298-301, 2013. Disponível em: <<https://doi:10.1111/j.2042-3306.2012.00629.x>> Acesso em 05 mai. 2020.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HIPISMO (CBH). **Regulamento de adestramento CBH edição 2021.** Disponível em: <http://http://www.cbh.org.br/images/Regulamento_Adestramento_CBH_2021-Clean.pdf>. Acesso em 10 out. 2021.
- COOLEY, M. **Marketing Nobility: Horsemanship in Renaissance Italy**, p. 111-128 in HENGERER, M; WEBER, N. *Animals and Courts: Europe, c.1200-1800*, Berlin, Boston: De Gruyter Oldenburg, 2019.
- COOPER, J.J. Comparative learning theory and its application in the training of horses. **Equine Veterinary Journal**, v. 27, p. 39-43, 1998.
- DARWIN, C. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo.** Volume único. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2010.
- DAVIS, K. L. **Deciphering dressage.** Hoboken: Howell Book House, 2005.
- DASHPER, K. Listening to horses: Developing attentive interspecies relationships through sport and leisure. **Society and Animals**, v. 25. p. 207-224, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.1163/15685306-12341426>> Acesso em 13 jun. 2022.
- DE ROSA, G.; NAPOLITANO, F.; MARINARO, F.; BORDI, A.; MIGLIORI, G.; GRASSO, F. The influence of early handling on the behavioral reaction of foals at 2 months of age. **Italian Journal of Animal Science**, v. 4, p. 409-411, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4081/ijas.2005.2s.409>> Acesso em: 25 mar. 2020.
- ELIAS, N. **La sociedad de los individuos.** Traducción de José Antonio Alemany. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1990.

ELLIS, S., GREENING, L. Positively reinforcing an operant task using tactile stimulation and food – a comparison in horses using clicker training. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 15, p. 78, 2016.

FENNER, K., FREIRE, R., MCLEAN, A., MCGREEVY, P. Behavioral, demographic, and management influences on equine responses to negative reinforcement. **Journal of Veterinary Behavior**, 29, p. 11-17, 2019.

FENNER, K., HYDE, M., CREAM, A., MCGREEVY, P. Identifying sources of potential bias when using online survey data to explore horse training, management, and behaviour: a systematic literature review. **Veterinary Sciences**, v. 7, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.3390/vetsci7030140>> Acesso em 23 jan. 2022.

FIGUEIREDO-PEREIRA, I.; CARRO, J.; STIWELL, G.; ROSA, I. Behavioural changes induced by handling at different timeframes in Lusitano yearling horses. **Applied Animal Behaviour Science**, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.applanim.2017.06016>> Acesso em: 20 mar. 2020.

FOWLER, V., KENNEDY, M., MARLIN, D. A comparison of the Monty Roberts technique with a conventional UK technique for initial training of riding horses. **Anthrozoös**, v. 25, p. 301-321, 2015.

FUREIX, C., JEGO, P., SANKEY, C., HAUSBERGER, M. How horses (*Equus caballus*) see the world: humans as significant “objects”. **Anim Cogn**, v. 12, p. 643–654, 2009. Disponível em: <[https:// dx.doi.org/10.1007/s10071-009-0223-2](https://dx.doi.org/10.1007/s10071-009-0223-2)> Acesso em: 16 fev. 2022.

GAEBEL, R.E. **Cavalry operations in the ancient greek world**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2002.

GOODWIN, D.; MCGREEVY, P.; WARAN, N.; MCLEAN, A. How equitation science can elucidate and refine horsemanship techniques. **The Veterinary Journal**, 181, p. 05-11, 2009.

GÓRĘCKA, A. ; BAKUNIAK, M. ; CHUSZCZEWSKI, M. H. ; JEZERSKI, T. A.A note on the habituation to novelty in horses: handler effect. **Animal Science Papers and Reports**, v.25, n. 3, p.143-152, 2007.

GREER, A. A. **Xenophon and the ancient greek cavalry horse: an equestrian perspective**. 2015. 294 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, National University Of Ireland, Galway, 2015.

HALL, C., GOODWIN, D., HELESKI, C., RANDLE, H., WARAN, N. Is There evidence of learned helplessness in horses? **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v. 11, p 249–266, 2008. Disponível em: <<https:// dx.doi.org/10.1080/10888700802101130>> Acesso em 19 nov. 2021.

HANSON, V.D. **Warfare and agriculture in Classical Greece**. California: University of California Press, 1988.

HANSON, V.D. **Uma guerra sem igual: como atenienses e espartanos lutaram na Guerra do Peloponeso**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HARTMANN, E.; CHRISTENSEN, J.W.; MCGREEVY, P.D. Dominance and leadership: useful concepts in human-horse interactions? **Journal of Equine Veterinary Science**, v. 52, p. 1-9, 2017.

HAUSBERGER, M., MULLER, C. A brief note on some possible factors involved in the reactions of horses to humans. **Applied Animal Behaviour Science**, v.76, p. 339-344, 2002.

HAUSBERGUER, M. A review of the human-horse relationship. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 109, p. 1-24, 2008.

HAUSBERGER, M., GAUTIER, E., BIQUAND, V., LUNEL, C., JÉGO, P. Could work be a source of behavioural disorders? A study in horses. **PLoS one**, v.4/10 e7625, 2009,.
Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0007625>> Acesso em: 12 abr. 2020.

HAUSBERGER, M., STOMP, M., SANKEY, C., BRAJON, S., LUNEL, C., HENRY, S. Mutual interactions between cognition and welfare: The horse as an animal model. **Neuro science and Bio behavioral Reviews**, v. 107, p. 540-559, 2019. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1016/j.neubiorev.2019.08.022>> Acesso em 05 set. 2021.

HAUSER, E. **Ânfora de azeite panatenaica com representação de competidor em quadriga**. Disponível em: <<http://emilyshauser.weebly.com/hocw100/hocw27-panathenaic-amphora-from-athens-greece>> Acesso em jul. 2022.

HENDRIKSEN, P.; ELMGREEN, K.; LADEWIGB, J. Trailer-loading of horses: is there a difference between positive and negative reinforcement concerning effectiveness and stress-related signs? **Journal of Veterinary Behavior**, v. 6, p. 261-266, 2011.

HENSHALL, C.; MCGREEVY, P.D. The role of ethology in round pen horse training – a review. **Applied Animal Behaviour Science**, 155, p. 1-11, 2014.

HENRY, S., HEMERY, D., RICHARD-YRIS, M.A, HAUSBERGER, M. Human–mare relationships and behaviour of foals toward humans. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 93, p.341-362, 2005.

HILL, E., MCGREEVY, P. D., CASPAR, G., WHITE, P., MCLEAN, A. N. Apparatus use in popular equestrian disciplines in Australia. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 10, p. 147–152, 2015.

HOCKENHULL, J., CREIGHTON, E. Training horses: Positive reinforcement, positive punishment, and ridden behavior problems. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 8, p. 245-252, 2013.

HOUPT, K., SACKMAN, J. Equine Personality: association with breed, use, and husbandry factors. **Journal of Equine Veterinary Science**, v. 72, p. 47-55, 2019.

HÖTZEL, M.J, VIEIRA, M.C., LEME, D.P., Exploring horse owners' and caretakers' perceptions of emotions and associated behaviours in horses. **Journal of Veterinary Behavior**, v.29, p. 18-24, 2019. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1016/j.jveb.2018.10.002>>

ISAGER, S.; SKYDSGAARD, J.E. **Ancient greek agriculture**: an introduction. Taylor & Francis e-Library, 2001.

KROLL, J.H. An archive of the athenian cavalry. **The Journal of the American School of Classical Studies at Athens**, v. 46, n. 2, p. 83-140, 1977.

JOHNSON, A. C., WYNNE, C.D.L. Training dogs with science or with nature? An exploration of trainers' word use, gender, and certification across dog-training methods. **Anthrozoös**, 2022. <dx.doi.org/10.1080/08927936.2022.2062869> Acesso em: 11 mai. 2022.

LA GUÉRINIÈRE, F.R. **A treatise upon horsemanship**. Tradução de William Frazer. Calcutá: Hircarrah Press, 1801. Disponível em: <<https://www.pdfdrive.com/a-treatise-upon-horsemanship-translated-from-the-original-french-of-m-de-la-gueriniere-in-ecole-de-cavalerie-by-captain-william-frazer-including-berengers-chapters-on-biting-with-the-effect-of-the-sna-d157822085.html>> Acesso em 11 jan. 2022.

LANSADE, L.; BERTRAND, M.; BOUISSOU, M-F. Effects of neonatal handling on subsequent manageability, reactivity and learning ability of foals. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 92, p. 143-158, 2005. Disponível em: <http://web.mnstate.edu/stockram/sdarticle.pdffoalneonatalhandling.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2018.

LANSADE, L., TRÖSCH, M., PARIAS, C., BLANCHARD, A., GORUSURRETA, E., CALABDREAU, L. Horses are sensitive to baby talk: pet-directed speech facilitates communication with humans in a pointing task and during grooming. **Animal Cognition**, v. 24, p.999–1006, 2021. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1007/s10071-021-01487-3>> Acesso em 16 jan. 2022.

LATIMER, J., BIRKE, L. Natural relations: horses, knowledge, technology. **The sociological Review**, v. 57, p. 1-27, 2009

LEGUIN, E. **Man and horse in harmony**, p. 175-196 in RABER, K; TUKER, T.J. The culture of the horse: status, discipline, and identity in the early modern world. Palgrave Macmillan, 2005.

LORD, R. The equine industry: competing beliefs, changes and conflicts. **Muma Business Review**, v.3, p. p. 99-120, 2019.

LUNA, D., VASQUEZ, R., ROJAS, M., TADICH, T. Welfare status of working horses and owners' perceptions of their animals. **Animals**, v. 7, 2017. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.3390/ani7080056>> Acesso em 04 mar. 2022.

KING, S., WILLS, L., RANDLE, H. Early training of foals using the ISES training principles. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 29, p. 140-146, 2019.

MCMIKEN, D. F. Ancient origins of horsemanship. **Equine Veterinary Journal**, v. 22, n. 2, p. 73-78, 1990.

MCGREEVY, P.D.; MCLEAN, A.N. Roles of learning theory and ethology in equitation. **Journal of Veterinary Behaviour**, v. 2, p. 108-118, 2007.

MCGREEVY, P.D. The advent of equitation science. **The Veterinary Journal**, v. 174, p. 492-500, 2007.

MCGREEVY, P.D.; MCLEAN, A.N. Punishment in horse-training and the concept of ethical equitation. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 4, p. 193-197, 2009.

MCLEAN, A.; MCGREEVY, P.D. Ethical equitation: capping the price horses pay for human glory. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 5, p. 203-220, 2010.

MCLEAN, A.N. Training the ridden animal: an ancient hall of mirrors. **The Veterinary Journal**, v. 196, p. 133-136, 2013.

MCLEAN, A. N. The positive aspects of correct negative reinforcement. **Anthrozoös**, v. 18, p. 245-254, 2005.

MCLEAN, A.N.; CHRISTENSEN, J.W. The application of learning theory in horse training. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 190, p. 18-27, 2017.

MERKIES, K., NAKONECHNY, L., DUBOIS, C., DERISOUD, E. Preliminary study on current perceptions and usage of training equipment by horse enthusiasts in Canada. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v. 21, p. 141-152, 2018. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1080/10888705.2017.1392301>> Acesso em 09 fev. 2022.

MILLS, D.S. Applying learning theory to the management of the horse: the difference between getting it right and getting it wrong. **Equine Veterinary Journal**, v. 30, p. 44-48, 1998.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2008. 407.

MUSEU BRITÂNICO. **Representação de cavaleiros no friso oeste do Parthenon de Atenas.** Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1816-0610-47> Acesso em jul. 2022.

MUSEU METROPOLITANO DE ARTE. **Bridão grego séculos IV a III a.C.** Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/249231/>> Acesso em jul. 2022.

_____. **Psalion séculos I a II d.C.** Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/29365>> Acesso em jul. 2022.

_____. **Espora pontiaguda grega séculos IV a I a.C.** Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/29183>> Acesso em jul. 2022.

_____. **Cavaleiros gregos retratados em ânfora panatenaica galopando em posição criticada por Xenofonte.** Disponível em <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/247960>> Acesso em jul. 2022.

NAKAMURA, K.; TAKIMOTO-INOSE, A.; HASEGAWA, T. Cross-modal perception of human emotion in domestic horses (*Equus caballus*). **Science Report**, 8, 2018. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1038/s41598-018-26892-6>>

NELSON, H. Antoine de Pluvinel, classical horseman and humanista. **The French Review**, v. 58, p. 514-523, 1985.

ÖDBERG, F.O.; BOUISSOU, M.F. The development of equestrianism from the baroque period to the present day and its consequences for the welfare of horses. **Equine Veterinary Journal Suppl.**, v. 28, p. 26-30, 1999.

PARELLI, P. **Natural horse-man-ship.** Colorado Springs: Western Horseman, 2003.

PEARSON, G.; REARDON, R.; KEEN, J.; WARAN, N. Difficult horses – prevalence, approaches to management of and understanding of how they develop by equine veterinarians. **Equine Veterinary Education**, v. 33, p. 522-530, 2021. Disponível: <<https://dx.doi.org/10.1111/eve.13354>> Acesso em jul. 2022.

PEREIRA-FIGUEIREDO, I., COSTA, H., CARRO, J., STILWELL, G., ROSA, I. Behavioural changes induced by handling at different timeframes in Lusitano yearling horses. **Applied Animal Behaviour Science**, v.196, p. 36–43, 2017. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1016/j.applanim.2017.06.016>> Acesso em: 15 mar. 2019.

PSEUDO-XENOFONTE. **A constituição dos atenienses.** 2 ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

QUESADA-SANZ, F. El gobierno Del caballo montado em La antigüedad clásica con especial referencia al caso de Iberia. Bocados, espuelas y La cuestión de La silla de montar, estribos y herraduras. **Gladius**, v. 1, p. 97-149, 2005.

RANDLE, H.; STEENBERGER, M.; ROBERTS, K.; HEMMING, A. The use of technology in equitation science: a panacea or abductive science? **Applied Animal Behaviour Science**, v. 190, p. 57-73, 2017.

RICHARDSON, H.; COLLINS, R.; WILLIAMS, J.M. Sport science relevance and integration in horseracing: perceptions of UK racehorse trainers. **Comparative Exercise Physiology**, v. 16, p. 5-19, 2020. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.3920/cep190003>> Acesso em: 03 jul. 2022.

RINK, B. **Desvendando o enigma do centauro**: como a união homem-cavalo acelerou a história e transformou o mundo. São Paulo: Equus, 2008.

ROBERTS, M. **O homem que houve cavalos**. Tradução de Fausto Wolff. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

RORVANG, M.V., AHRENDT, L.P., CHRISTENSEN, J.W. A trained demonstrator has a calming effect on naïve horses when crossing a novel surface. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 171, p. 117-120, 2015.

SAAKE, J. A. An admirer looks at the horsemen of ancient Greece. **The Classical Journal**, v. 37, n. 6, pp. 323-333, p. 1942. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3292316>. Acesso em: 02 mai. 2020.

SALOMON, J.J.; SAGASTI, F.; SACHS-JEANTET, C. Da tradição à modernidade. **Estudos Avançados**, v. 7, n. 17, p. 07-33, 1993. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141993000100002>> Acesso em: 12 jan. 2021.

SANKEY, C, RICHARD-YRIS, M.A., LEROY, H., HENRY, S., HAUSBERGUER, M. Positive interactions lead to lasting positive memories in horses, equus caballus. **Animal Behaviour**, v. 79, p. 869-875, 2010a.

SANKEY, C, HENRY, S., GORECKA-BRUZDA, A., RICHARD-YRIS, M.A., HAUSBERGUER, M. The way to a man's heart is through his stomach: what about horses? **Plos One**, v. 5, e15446. 2010b. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0015446>> Acesso em jul. 2021.

SAVVIDES, N. Communication as a solution to conflict: fundamental similarities in divergent methods of horse training. **Society & Animals**, v. 20, p. 75-90, 2012.

SCHMIDEK, A., OLIVEIRA, J. V., MIGUEL, F. B. Influência da manipulação de potros ao nascimento sobre o comportamento ao cabrestear. **Pesquisa & Tecnologia**, v. 8, n. 56, 2011.

SCHMIDEK, A. Otimizando o desempenho e o bem-estar de equinos em atividades desportivas. **Revista Brasileira de Zootecias**, v. 19, p. 227-248, 2018.

SIMPSON, B. Neonatal foal handling. **Applied Animal Behaviour**, v. 78, p. 303-317, 2002.

SMITH, A.V.; PROOPS, L.; GROUNDS, K.; WATHAN, J.; MCCOMB, K. Functionally relevant responses to human facial expressions of emotion in the domestic horse (*Equus caballus*). **Biology Letters**, v. 12, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1098/rsbl.2015.0907>> Acesso em: set. 2020.

SMITH, A. M., PROOPS, L., GROUNDS, K., WATHAN, J., SCOTT, S. K, MCCOMB, K. Domestic horses (*Equus caballus*) discriminate between negative and positive human nonverbal vocalisations. **Scientific Reports**, v. 8, 13052, 2018. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1038/s41598-018-30777-z>> Acesso em: 17 fev. 2022.

SONDEGAARD, E., HALEKOH, U. Young horses' reactions to humans in relation to handling and social environment. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 84, p. 265-280, 2003.

SPIER, S.J, PUSTERLA, J.B., VILLARROEL, A., PUSTERLA, N. Outcome of tactile conditioning of neonates, or "imprinting training" on selected handling measures in foals. **The Veterinary Journal**, v. 168, p. 252-258, 2004.

STUTTARD, D. **Power games: ritual and drivalry at the ancient greek olympics**. London: The British Museum Press, 2012.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

VOIGT, M. A., HINEY, K., RICHARDSON, J.C., WAITE, K. Show horse welfare: horse show competitors' understanding, awareness, and perceptions of equine welfare. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, V. 19, P. 1-18, 2016.

XENOPHON, Henry Graham Dakyns. **The cavalry general and on horsemanship**. USA: Create space Independent Publishing Platform, 2014.

WARAN, N.K., MCGREEVY, P., CASEY, R.A., 2002. **Training methods and horse welfare**. In: Waran, N.K. (Ed.), *The Welfare of Horses*. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, The Netherlands.

WARREN-SMITH, A.K.; MCGREEVY, P.D. The use of blended positive and negative reinforcement in shaping the halt response of horses (*Equus caballus*). **Animal Welfare**, v. 16, p. 481-488, 2007.

WARREN-SMITH, A.K.; MCGREEVY, P.D. Equestrian coaches' understanding and application of learning theory in horse training. **Anthrozöos**, v 21, 153–162, 2008.

WATHAN, J., PROOPS, L., GROUNDS, K., MCCOMB, K. Horses discriminate between facial expressions of conspecifics. **Scientific Reports**, v. 6, 38322, 2016.

WHITE, D. A view of the horses from the classical perspective: The Penn Museum Collection. **Expedition**, v. 53, p. 24-33, 2011. Disponível em: <https://www.penn.museum/sites/expedition/a-view-of-the-horse-from-the-classical-perspective/>. Acesso em: 17 jul. 2019.

WILLEKES, C. **From the steppe to the stable: horses and horsemanship in the ancient world**. Dissertação (Doutorado) – Universidade de Calgary, Filosofia, 2013.

WILLIAMS, J., TABOR, G. Rider impacts on equitation. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 190, p. 28-42, 2017.

WÓJCIK, Z. **Italian horse Riding school**. 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.29038/2220-7481-2020-01-60-63> Acesso em 04 jun. 2021.